

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

IMPLICAÇÕES DO ESTILO DE APEGO INDIVIDUAL NA QUALIDADE  
CONJUGAL

Dissertação de Mestrado

Bruna D'andréa de Andrades

Porto Alegre, junho de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

IMPLICAÇÕES DO ESTILO DE APEGO INDIVIDUAL NA QUALIDADE  
CONJUGAL

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Wagner

Bruna D'andréa de Andrades

Porto Alegre, junho de 2018

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado da dedicação, apoio e cuidado de muitas pessoas. Gostaria de fazer um sincero agradecimento a todas as pessoas e instituições que fizeram parte da jornada para a realização dessa dissertação:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela bolsa concedida.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós Graduação em Psicologia pela oportunidade de estudar neste curso de Mestrado.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia, por toda a experiência e conhecimento compartilhados.

À minha orientadora, professora Dra. Adriana Wagner, por compartilhar seu conhecimento e realizar meu acompanhamento e orientação pautados pela confiança e incentivo.

Aos casais que participaram da pesquisa que deu origem a esta dissertação e que possibilitaram sua realização.

Ao professor Dr. Cesar Piccinini, pelo cuidadoso trabalho de relatoria.

Aos professores da banca, Prof. Dra. Denise Falcke e Prof. Dra. Mariana Boeckel, e à Prof. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, presente na banca de qualificação do projeto, por aceitarem participar desse momento e contribuírem com suas considerações.

Aos colegas e amigos do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, Patrícia Scheeren, Lisiane Saraiva, Ana Cristina Pontello, Marina Delatorre, Laura Moraes, Bruno de Brito, Rosita Barral, Tatiana Perez, Andressa Teodózio, Raissa Saikoski, Caroline Campos e Carolina Abianna, por todo companheirismo e amizade que compartilhamos nesse período.

Aos colegas e amigos da Secretaria Municipal de Assistência Social de Garopaba-SC, Ruth, Sandra, Paula, Emanoela, Ana, Carla, Emerson, Patrícia, Tatiana, Kátia, Cenir, Rafaella, Beatriz, Renata, Jeferson, Marivone, Carioni, Alessandra, Gabriela, e João Batista, pela compreensão e apoio para a conclusão desta etapa.

A todos os amigos que participaram de alguma forma com incentivo e apoio.

Aos meus pais, Tania e Paulo, por todo apoio, e por serem meu maior alicerce, inspiração e guia.

Ao meu companheiro, Guilherme, pela compreensão, cuidado, apoio incansável e porto seguro nos momentos difíceis.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E TABELAS.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO II – Artigo I: ESTILO DE APEGO E CONJUGALIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	10
Resumo.....	10
Abstract.....	10
Introdução.....	11
Método.....	13
Resultados.....	14
Discussão.....	19
Considerações finais.....	23
Referências.....	24
CAPÍTULO III – Artigo II: QUALIDADE CONJUGAL: INSTRUMENTOS DE MEDIDA E A PERSPECTIVA DOS CASAIS.....	30
Resumo.....	30
Abstract.....	30
Introdução.....	31
Método.....	34
Resultados.....	38
Discussão.....	46
Considerações finais.....	50
Referências.....	51
CAPÍTULO IV – Artigo III: MANIFESTAÇÕES DO ESTILO DE APEGO NA QUALIDADE CONJUGAL.....	56
Resumo.....	56
Abstract.....	56
Introdução.....	57
Método.....	59
Resultados e discussão.....	61

Considerações finais.....	67
Referências.....	68
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
Referências.....	74
ANEXOS.....	75
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética.....	76
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	79
Anexo C – Questionário sociodemográfico.....	81
Anexo D – Entrevista sobre o relacionamento do casal.....	82

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

### CAPÍTULO II

Figura 1. Fluxograma de busca nas Bases de Dados.....	15
Tabela 1. Dados descritivos.....	16
Figura 2. Equema de articulação dos aspectos da conjugalidade.....	22

### CAPÍTULO III

Tabela 1. Caracterização dos participantes do estudo.....	35
Tabela 2. Detalhamento dos instrumentos analisados.....	44

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo verificar as implicações do estilo de apego individual na qualidade conjugal. Para tanto, foram realizados três estudos, apresentados em três artigos. O Artigo I é uma revisão sistemática da literatura sobre estilo de apego e conjugalidade. Foi identificado que o estilo de apego se manifesta em aspectos individuais, conjugais e contextuais do relacionamento. Posterior à revisão sistemática, o segundo estudo, relatado no Artigo II, apresenta uma análise da correspondência entre o que 25 casais heterossexuais do sul do Brasil que coabitavam há, no mínimo, 6 meses consideravam como qualidade conjugal e o conteúdo medido pelos instrumentos que avaliam esse construto. A análise temática das entrevistas com os casais identificou cinco temas que correspondem parcialmente ao conteúdo que os instrumentos multidimensionais se propõem a avaliar no que diz respeito à qualidade conjugal. No terceiro estudo, relatado no Artigo III, analisou-se a manifestação do estilo de apego na qualidade conjugal a partir de três casos de casais-tipo: estilo de apego seguro, inseguro e ansioso. Foi identificado que o estilo de apego seguro resultava em maiores níveis de qualidade conjugal, e o estilo de apego inseguro-ansioso em níveis mais baixos.

**Palavras-chave:** estilo de apego; conjugalidade; apego; qualidade conjugal; relacionamento

## ABSTRACT

The aim of this study was to verify the implication of attachment style in marital quality. To achieve this objective, three studies were realized, divided in three papers. Paper I is a systematic review about attachment style and conjugality. It was identified that attachment style manifests itself in individual, marital and contextual aspects of the relationship. After the systematic review, the second study, reported in Paper II, shows an analyze of the correspondence between what 25 couples from the south of Brazil, who have lived together for the past 6 months, considered as marital quality and the content measured by the instruments who measure the construct. The thematic analysis from this collect identified five themes that partially correspond to the content that the multidimensional instruments propose to measure concerning marital quality. In the third study, reported in Paper III, it was analyzed the manifestation of attachment style in marital quality from three type-couples: secure, avoidant-insecure and anxious-insecure attachment styles. It was identified that secure attachment style resulted in higher levels of marital quality, and the anxious-insecure attachment style in lower levels.

**Keywords:** attachment style; conjugality; attachment; marital quality; relationship

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre conjugalidade envolve diversos fatores e variáveis que se influenciam mutuamente e interatuam num sistema complexo. Isso porque os casais são compostos de dois indivíduos, com percepções de mundo e histórias de vida distintas e que trazem consigo a bagagem de sua vivência familiar. Além disso, há a própria experiência dos cônjuges como um casal, e todas as facilidades e dificuldades peculiares da vida a dois. Há, ainda, o contexto histórico, social e cultural em que essas pessoas estão inseridas. Esses aspectos geram influência na resposta de uma pergunta que há muito tempo vem inquietado cientistas e pessoas leigas: “o que faz os casais serem felizes?”.

Há diversas pesquisas no Brasil e no exterior tentando mapear a qualidade conjugal, suas implicações, conceitualização e variáveis. O estilo de apego, que caracteriza a forma como os indivíduos se vinculam, é considerado uma dessas variáveis. O ser humano desenvolve muito cedo, ainda na infância, um estilo de se relacionar com seus cuidadores. Esta forma de se relacionar reverberará na maneira como o indivíduo irá relacionar-se com as pessoas ao longo de sua vida, especialmente com seu(a) parceiro(a) romântico(a).

Embora existam muitas pesquisas, especialmente no exterior, apontando que o estilo de apego individual repercute em diferentes âmbitos do relacionamento amoroso, não há estudos sobre a implicação desse construto na qualidade conjugal propriamente dita. Sendo assim, neste trabalho de dissertação buscamos compreender, mais precisamente, a relação entre estilo de apego e qualidade conjugal. O principal objetivo foi analisar as variáveis presentes na concepção dos sujeitos entrevistados a respeito da qualidade conjugal e as possíveis implicações do estilo de apego individual no seu relacionamento atual. Esse estudo resultou em três artigos, que são descritos na íntegra nesta dissertação.

No Artigo I, intitulado “Estilo de apego e conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura”, revisamos a literatura dos últimos 10 anos sobre a temática. Seu objetivo foi identificar o que as pesquisas nacionais e internacionais referem sobre as implicações do estilo de apego no relacionamento amoroso.

O Artigo II, intitulado “Qualidade conjugal: instrumentos de medida e a perspectiva dos casais” é um estudo qualitativo que objetivou verificar a correspondência entre o conteúdo que os instrumentos que se propõem a medir a qualidade conjugal avaliam e o que os casais identificavam como relacionamento de boa qualidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas com 25 casais heterossexuais do sul do Brasil, que coabitavam há no mínimo 6 meses.

Por fim, o Artigo III, intitulado “Manifestações do estilo de apego na qualidade conjugal” objetivou identificar e discutir as implicações do estilo de apego individual no relacionamento conjugal. Para isso, realizou-se um estudo de caso múltiplo com casais de três estilos de apego: seguro, inseguro-evitativo e inseguro-ansioso.

Essa pesquisa buscou contribuir para o entendimento de uma importante variável da conjugalidade, o estilo de apego e sua relação com a qualidade do relacionamento amoroso.

## CAPÍTULO II – Artigo I

### ESTILO DE APEGO E CONJUGALIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

#### Resumo

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, cujo objetivo foi revisar sistematicamente os artigos científicos sobre a relação entre o estilo de apego e a conjugalidade. Foram consultadas as bases de dados *PsycINFO* e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) em um período de dez anos, entre 2007 e 2017. A análise dos 33 estudos selecionados, avaliados por dois juízes independentes, forneceu um panorama geral da literatura investigada, apontando para uma predominância de estudos realizados na América do Norte e uma produção incipiente de publicações brasileiras. O método mais utilizado pelos estudos empíricos foi o quantitativo, e os resultados apresentados apontaram divergências e lacunas que demandam a realização de mais investigações qualitativas e longitudinais, de modo a se obter um maior aprofundamento da temática em questão. Os instrumentos mais utilizados para a mensuração do estilo de apego foram escalas de autorrelato que aferiam o apego com o parceiro romântico atual. Os resultados apontam que o estilo de apego se manifesta não apenas na conjugalidade, mas também possui aspectos individuais e de contexto que influenciam no relacionamento. Foi identificada a necessidade de outras pesquisas as quais investiguem quais aspectos do estilo de apego podem ser potencializadores da qualidade da relação conjugal.

**Palavras-chave:** apego, estilo de apego, casal, conjugalidade, revisão sistemática.

#### Abstract

This work is characterized as a systematic review, which aim was to review systematically the journal articles about the relation between attachment style and conjugality. Were consulted the data base *PsycINFO* and Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) in a period of ten years, between 2007 and 2017. The analyze of the 33 selected studies, rated by independent judges, provided a general panorama of the investigated literature, pointing to a predominance of studies realized in North America and a

incipient production of Brazilian publications. The most used method by empirical studies was quantitative, and the presented results pointed differences and gaps that demand the realization of more qualitative and longitudinal investigations, to obtain a deepening of the thematic in question. The most used instruments to measure attachment style were self-report scale, that measure the attachment style with the current partner. The results point that attachment style manifests itself not only in conjugality, but also in individual and contextual aspects that influence the relationship. It was identified the need of other research to investigate which aspects of attachment style may be potentials of marital quality.

**Keywords:** attachment, attachment style, couple, conjugality, systematic review

### Introdução

O relacionamento amoroso vem sendo alvo de interesse dos pesquisadores há muitos anos, principalmente devido ao fato de a maioria dos seres humanos se envolverem em algum tipo de união ao longo da vida. Os estudos sobre conjugabilidade têm voltado suas atenções para diferentes aspectos que compõe a qualidade do relacionamento amoroso, como as variáveis que regulam e mediam a satisfação do casamento (James, 2015; Scheeren, Vieira, Goulart & Wagner, 2014; Villeneuve et al., 2014; Kouros & Cummings, 2011), as estratégias de resolução de conflito (Neves & Duarte, 2015; Scheeren, Delatorre, Neumann & Wagner, 2015) e até mesmo programas psicoeducativos para casais (Wagner, Mosmann & Falcke, 2015). Diversos estudos apontam que a qualidade do relacionamento impacta não apenas em um casamento saudável, mas também na saúde física e psicológica dos indivíduos casados (Kouros & Cummings, 2011; Whisman, Dementyeva, Baucom & Bulik, 2012; Liu & Waite, 2014). Portanto, as evidências revelam a importância de estudar a conjugabilidade tendo em vista seu impacto na vida humana.

De acordo com Anton (2000), a conjugabilidade é uma relação complexa que pode ser compreendida através de três diferentes âmbitos: contextual, individual e transgeracional. Rosado, Barbosa e Wagner (2016) contribuíram para esse entendimento mapeando a função das características individuais, do casal e do contexto no ajustamento conjugal. Partindo dessa perspectiva, é possível pensar que a conjugabilidade é multifacetada, com diversas variáveis impactando o casal.

São muitas as variáveis que podem influenciar na qualidade de um relacionamento. Halford, Markman, Kline e Stanley (2003) classificaram as variáveis envolvidas na conjugalidade como dinâmicas e estáticas. As variáveis dinâmicas são passíveis de serem modificadas por intervenções, como em programas psicoeducativos e terapias. As expectativas com o relacionamento e a comunicação do casal são alguns exemplos. Por sua vez, as variáveis estáticas são as que fazem parte da constituição dos indivíduos tais como as experiências com a família de origem e o estilo de apego. Portanto, não são passíveis de modificação com intervenções, pois fazem parte da constituição da história de vida do ser humano, as quais contribuem para a formação de sua personalidade. O estilo de apego, por sua vez, parece ser relativamente estável, sendo constituído na infância e reproduzido nos relacionamentos do indivíduo ao longo de toda sua vida.

Desenvolvida por John Bowlby (1969, 1982), a Teoria do Apego traz contribuições para o entendimento da vinculação humana, desde os primórdios da interação mãe-bebê. Bowlby postulou que o apego do indivíduo influencia na maneira como ele se vincularia a figuras importantes ao longo da vida, demonstrando um padrão comportamental e cognitivo nas suas relações, desencadeado, principalmente, em situações de estresse e ameaça.

Buscando entender a manifestação do estilo de apego na vida adulta, Hazan e Shaver (1987) desenvolveram um instrumento de avaliação do apego no relacionamento romântico. Eles dividiram os estilos de apego em três tipos: seguro, inseguro-ansioso e inseguro-evitativo. O estilo de apego seguro diz respeito a indivíduos que desenvolvem laços de amizade, confiança e afeto com o parceiro. O estilo de apego inseguro-ansioso se refere a indivíduos com maior dificuldade de diferenciação do par, necessitando de maior reciprocidade do parceiro. Por fim, o estilo de apego inseguro-evitativo diz respeito a indivíduos que sentem incômodo e desconforto com a intimidade e a proximidade na relação (Natividade & Shiramizu, 2015). A teoria do apego do adulto sugere que indivíduos com apego seguro seriam mais satisfeitos em seus relacionamentos do que aqueles que experienciam ansiedade e evitação em suas relações (Hazan & Shaver, 1987).

De maneira geral, o foco das pesquisas sobre conjugalidade não é o estilo de apego, apesar de, muitas vezes, as investigações considerarem que há repercussões dessa variável para o casal. A disponibilidade de literatura que versa sobre o apego nos

relacionamentos adultos é, em sua maioria, destinada ao entendimento do papel do apego em eventos estressantes (Seedal & Lachmar, 2016), deixando uma lacuna para o entendimento da contribuição dos diferentes arranjos de estilos de apego na conjugalidade. Desse modo, questiona-se sobre como as pesquisas recentes sobre casais que avaliam a variável estilo de apego vêm contribuindo para esse entendimento. Diante do exposto, o presente artigo tem o objetivo de revisar sistematicamente os estudos que relacionam estilo de apego e conjugalidade, de modo a atualizar a literatura sobre a temática e contribuir para uma maior compreensão das possíveis implicações do estilo de apego no relacionamento amoroso.

### **Método**

Esta revisão sistemática foi realizada por dois juízes independentes, após definidas as estratégias de busca, e obedeceu rigorosamente aos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos de acordo com o objetivo do estudo. Estes procedimentos da revisão foram realizados conforme idealizado por Sampaio e Mancini (2007), que consideram como etapa subsequente a análise crítica dos estudos selecionados.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas seguintes bases de dados: *PsycInfo* e *Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)*, escolhidas porque concentram a maior parte das publicações de impacto na área da Psicologia e ciências da saúde, além de abrangerem as produções dos contextos brasileiro e internacional. Os critérios de inclusão foram: a) ser um artigo científico, b) publicado no período compreendido entre 2007 e 2017, c) com textos completos disponíveis nas bases de dados escolhidas, para acesso *online* pelo portal de periódicos da CAPES, e d) ser um estudo empírico. Os critérios de exclusão foram: a) artigos duplicados nas bases escolhidas, b) estudos que não tratam do estilo de apego voltado especificamente para a conjugalidade e c) ser artigo teórico ou revisão de literatura.

A última etapa deste trabalho consistiu na análise qualitativa dos estudos selecionados. O procedimento de análise adotado embasou-se no PRISMA checklist (Liberatiet al., 2009), que pode ser sintetizado nos seguintes passos: a) levantamento da bibliografia nas bases de dados selecionadas, com uso de palavras-chave pré-estabelecidas; b) leitura dos resumos, após realizada a seleção dos estudos relacionados

ao objetivo da investigação; c) recuperação e avaliação dos artigos selecionados na íntegra; d) caracterização e análise do conteúdo dos estudos.

A busca pelos artigos ocorreu em junho de 2017. Optou-se pela utilização dos descritores das próprias bases, tendo em vista a padronização já realizada pelas mesmas. Na base PsycINFO foi inserido nos campos de busca “attachment style OR attachment pattern”, pois a base utiliza as duas formas para catalogar estudos sobre estilo de apego e, dessa forma, utilizou-se o operador booleano “OR” para encontrar estudos que estivessem inseridos em uma ou em outra categoria. Além disso, a PsycINFO oferece a possibilidade da pesquisa ser refinada previamente por diversos aspectos. Optou-se, na busca avançada, pelas filtragens: “document type: jornal article”, “type: jornal article” e a opção “APA Full-Text Only”. Na base BVS, foi inserido no campo de busca “estilo de apego”, visto que a base não possui descritor próprio para esse construto, optando-se, assim, pela tradução dos descritores da PsycINFO. A BVS possui filtros próprios para refinar a pesquisa. Foi selecionada a opção: “Texto completo: Disponível”. Foi identificado que alguns estudos não foram contemplados nessa pesquisa e, devido a isso, foi realizada uma segunda busca complementar na BVS, inserindo-se no campo de busca “apego casal”. Os filtros da base utilizados foram: “Texto completo: Disponível” e marcados em “Ano de publicação” todos os anos compreendidos entre 2007 e 2017.

Posteriormente, foi realizada uma filtragem manual a partir dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Os artigos que satisfizeram a seleção foram inseridos em uma tabela do programa *Excel* para melhor visualização dos autores, ano e tema. Em seguida, foi realizada uma categorização dos estudos, contendo: ano de publicação, revista publicada, local de realização do estudo, metodologia, temática estudada, objetivos da pesquisa, população pesquisada, instrumentos utilizados e resultados obtidos, sendo estes apresentados a partir das variáveis relacionadas a cada estilo de apego específico: seguro, inseguro-ansioso ou inseguro-evitativo.

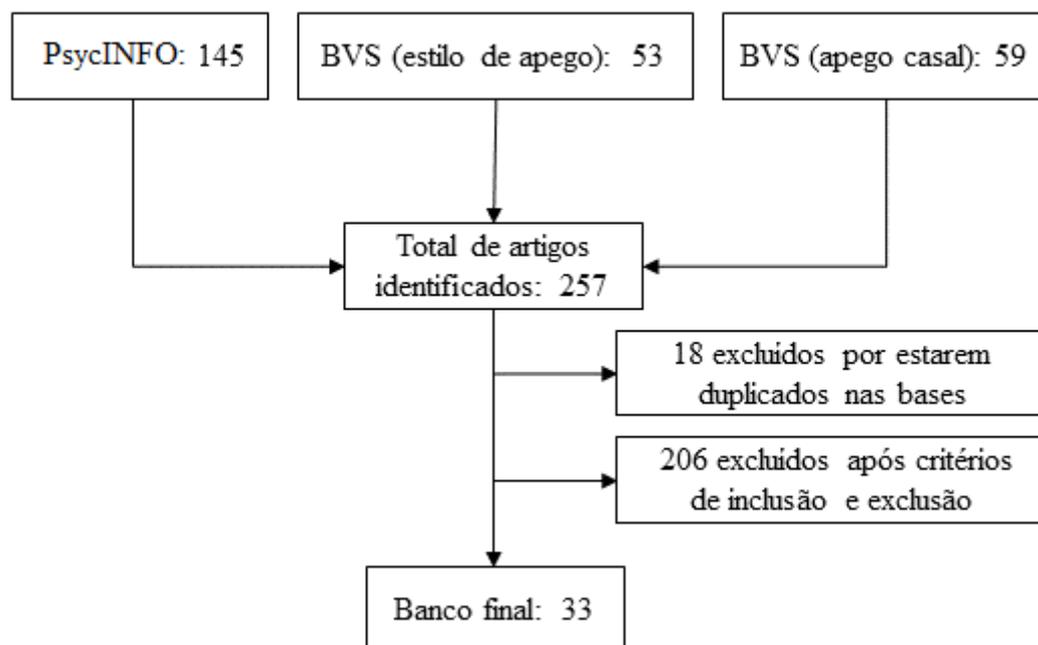
## **Resultados**

A seleção inicial retornou 257 artigos nas bases de dados, sendo 145 correspondentes à PsycINFO, 53 referentes à primeira busca na base BVS (com os descritores “estilo de apego”) e 59 artigos referentes à segunda busca nessa mesma base (utilizando os descritores “apego casal”). Dessa seleção inicial, foram encontrados 18

artigos repetidos entre as bases, que tiveram suas duplicatas removidas. Aplicados os critérios de inclusão e exclusão do estudo, 206 artigos foram excluídos por não se adequarem aos critérios propostos para a análise. Ao final, 33 artigos foram identificados como relevantes para este estudo, sendo eles nos idiomas: inglês, espanhol e português.

A Figura 1 ilustra o fluxograma da busca nas bases de dados com os dados obtidos.

Figura 1: Fluxograma da busca nas Bases de Dados



Dos 33 artigos analisados, identificou-se uma predominância de publicações norte-americanas, sendo 19 dos EUA e 5 do Canadá, com apenas 9 artigos de outros países. Esta predominância pode ser justificada pelo fato de uma das bases de dados utilizadas, a PsycINFO, resgatar textos completos apenas da *American Psychological Association* (APA). Houve uma distribuição homogênea de publicações sobre a temática entre os anos pesquisados, sendo que 2016 foi o ano com mais publicações (n=7). O método quantitativo foi predominante, havendo apenas um estudo com método qualitativo. O instrumento mais utilizado para avaliar o apego nas pesquisas foi a escala *Experience in Close Relationships* (24,8%), tanto em sua versão original quanto nas

versões modificadas, como a *Experience in Close Relationships-Revised* (15,2%). Os dados descritivos sobre os estudos estão incluídos na Tabela 1 para melhor visualização.

*Tabela 1: Dados descritivos*

Característica		Frequência/Percentual
Localidade	Estados Unidos	19 / 57,6
	Canadá	5 / 15,2
	Brasil	3 / 9,1
	Israel	3 / 9,1
	Irlanda do Norte	1 / 3
	Chile	1 / 3
	Alemanha	1 / 3
	Ano	2007
2009		1 / 3
2010		4 / 12
2011		4 / 12
2012		4 / 12
2013		4 / 12
2014		3 / 9,1
2015		2 / 6,1
2016		7 / 21
2017		1 / 3
Método	Quantitativo	24 / 72,7
	Misto Quantitativo/Longitudinal	7 / 21
	Qualitativo	1 / 3
	Misto Quantitativo/Qualitativo	1 / 3
Instrumento de medição de apego	Experiences in Close Relationships	8 / 24,2
	Experiences in Close Relationships-Revised	5 / 15,2
	Relationship Scale Questionnaire	3 / 9,1
	Adult Attachment Style Scale	3 / 9,1
	Attachment Self-report	2 / 6,1
	Experience in Close Relationship Short Version	2 / 6,1
	Adult Attachment Questionnaire	2 / 6,1
	Attachment Style Measures	1 / 3
	Attachment Style Questionnaire	1 / 3
	Adult Attachment Style Scale Revised	1 / 3
	Attachment Script Assessment	1 / 3
	Experience in Close Relationships – Relationship Specific	1 / 3
	Escala de apego adulto	1 / 3
	Experience in Close Relationship – M	1 / 3
	Modeles individueles de Relations	1 / 3

Os estudos trataram sobre diferentes temáticas relacionadas ao estilo de apego e à conjugalidade. A saúde psicológica dos cônjuges (Dekel, 2007; Ein-Dor, Doron, Solomon, Mikulincer & Shaver, 2010; Herbert, McCormack & Callahan, 2010; Smith, Breiding & Papp, 2012; Gallagher et al., 2017), o ciclo vital (Cox & Arndt, 2012), as características de personalidade dos parceiros (Rohmann, Neumann, Herner & Bierhoff, 2012), as crises no relacionamento (DeWall, et al., 2011), a dinâmica conjugal (Loubat, Ponce & Salas, 2007; Gere, Macdonald, Joel, Spielmann & Impett, 2013; Scheeren, Vieira, Goulart & Wagner, 2014; Scheeren, Delatorre, Neumann & Wagner, 2015; Khalifian & Barry, 2016), a influência da família (Dinero, Conger, Shaver, Widaman & Larsen-Rife, 2011; Nosko, Tieu, Lawford & Pratt, 2011; Semensato & Bosa, 2014; Simons, Simons, Landor, Bryant & Beach, 2014; Ratto, Doyle & Markiewicz, 2016), a sexualidade (Kruger & Hughes, 2010), a terapia de casal (Butler, Harper & Mitchell, 2011; Benson, Sevier & Christensen, 2013; Dalgleish, Johnson, Burgess Moser, Wiebe & Tasca, 2015; Burgess Moser, Johnson, Dalgleish, Lafontaine, Wiebe & Tasca, 2016; Johnson et al., 2016; Seedall, Butler, Zamora & Yang, 2016), os aspectos psicofisiológicos, como marcadores hormonais (Seedall & Lachmar, 2016), a saúde física dos cônjuges (Hwang, Johnston & Smith, 2007; Forsythe, Romano, Jensen & Thorn, 2012; Uchino, Bosch, Smith, Carlisle, Birmingham, Bowen & Light, 2013), características individuais (Selterman & Drigotas, 2009; Mohr, Selterman & Fassinger, 2013, Skentelbery & Fowler, 2016) e a idealização do relacionamento (Tomlinson, Carmichael, Reis & Aron, 2010) foram os temas estudados.

Os artigos que trataram sobre a utilização de algum tipo de intervenção terapêutica de casal voltada para o estilo de apego dos indivíduos reportaram diferentes resultados. O estilo de apego foi identificado como relativamente estável ao longo das intervenções da terapia de casal usual (Johnson et al., 2016), porém, foi identificado aumento no estilo de apego seguro no estudo que utilizou encenações entre casais como abordagem e nos estudos com terapia focada nas emoções (Butler, Harper & Mitchell, 2011; Benson, Sevier & Christensen, 2013; Burgess Moser, Johnson, Dalgleish, Lafontaine, Wiebe & Tasca, 2016), sendo relacionado o aumento da satisfação conjugal com o decréscimo do apego inseguro.

Quanto aos resultados relacionados ao estilo de apego seguro, este aparece associado a maiores níveis de confiança e capacidade de intimidade com o parceiro, além de autocontrole, empatia, capacidade de atrasar a gratificação com o relacionamento (Simons, Simons, Landor, Bryant & Beach, 2014) e maior ajustamento diádico (Hwang, Johnston & Smith, 2007). Foi inversamente associado a comportamentos de dor autorrelatados, intensidade da dor, percepção negativa das respostas do cônjuge e sintomas depressivos (Forsythe, Romano, Jensen & Thorn, 2012). Ainda, em estudo sobre violência conjugal, o grupo de mulheres com ausência de violência predominava estilo de apego seguro entre os indivíduos (Loubat, Ponce & Salas, 2007). Apego seguro individual se relacionou com apego seguro do casal (Semensato & Bosa, 2014). Interações positivas com a família na adolescência foram preditoras de apego seguro na idade adulta (Dinero, Conger, Shaver, Widaman & Larsen-Rife, 2011; Nosko, Tieu, Lawford & Pratt, 2011).

O estilo de apego inseguro-ansioso apareceu relacionado a maiores percepções de ameaça (Gere, MacDonald, Joel & Spielmann, 2013), menores graus de satisfação com a conjugalidade (Kruger & Hughes, 2010) e maior dificuldade em encaminhar os conflitos conjugais de maneira construtiva (Scheeren, Delatorre, Neumann & Wagner, 2015). Para os indivíduos com esse estilo de apego, houve maiores índices de psicopatologias (Dekel, 2007; Herbert, McCormack & Callahan, 2010), além de serem mais propensos a desenvolver psicopatologias concomitantes às do companheiro (Ein-Dor, Doron, Solomon, Mikulincer & Shaver, 2010). Estilo de apego inseguro-ansioso também teve associação positiva com coesão diádica (Hwang, Johnston & Smith, 2007) e entre monogamia e qualidade conjugal (Mohr, Selterman & Fassinger, 2013), demonstrando também menos emoções negativas com o parceiro (Ratto, Doyle & Markiewicz, 2016; Seedall & Lachmar, 2016).

Por sua vez, o estilo de apego inseguro-evitativo se associou a níveis individuais mais altos de psicopatologia, podendo também contribuir para o agravamento de psicopatologia dos cônjuges (Dekel, 2007; Ein-Dor, Doron, Solomon, Mikulincer & Shaver, 2010; Herbert, McCormack & Callahan, 2010; Gallagher et al., 2017). Houve relação do apego inseguro-evitativo e baixos níveis de intimidade com o parceiro, sendo esta relação mediada pela confiança que um cônjuge tem pelo outro (Khalifian & Barry, 2016). Indivíduos com esse estilo de apego apresentaram emoções mais negativas em relação ao parceiro (Ratto, Doyle & Markiewicz, 2016), demonstraram menor

percepção de recompensa com o relacionamento (Gere, MacDonald, Joel, Spielmann & Impett, 2013) e maior propensão à infidelidade (DeWalle et al., 2011). Interações familiares ruins na adolescência foram preditoras de estilo de apego inseguro-evitativo na idade adulta (Nosko, Tieu, Lawford & Pratt, 2011). Esse estilo de apego se relacionou inversamente com o grau de satisfação pós relação sexual (Kruger & Hughes, 2010) e com o ajustamento diádico geral (Hwang, Johnston & Smith, 2007).

## Discussão

A análise dos estudos sobre a relação entre estilo de apego e a conjugalidade possibilitou verificar que apenas 4 (12%) artigos pertenciam à região latino-americana, embora tenha sido utilizada na busca a base BVS. Estes dados podem estar associados aos descritores dos estudos norte-americanos, visto que suas terminologias apontam para uma padronização conceitual do objeto de estudo, o que se reflete no fato de a base *PsycINFO* ter um descritor específico para estilo de apego (*attachment style*), enquanto a BVS não dispõe de uma categorização para esse construto.

Quanto à distribuição das publicações, houve homogeneidade ao longo dos anos, embora uma maior produção científica no ano de 2016 (n=7), sendo que neste ano houve um aumento de estudos relacionados à temática da psicoterapia de casais voltadas para o estilo de apego. Esse maior interesse nas investigações sobre as variáveis envolvidas na terapia de casal se associa à tendência crescente das pesquisas cujo objetivo é ampliar o conhecimento sobre as práticas psicoterápicas baseadas em evidências, considerando as diversas abordagens teórico metodológicas (Serralta et al, 2011; Brum et al, 2012).

No que tange aos instrumentos, os estilos de apego medidos por escalas podem apresentar variâncias, como destacado em revisão de instrumentos de medição do estilo de apego feita Ravitz, Maunder, Hunter, Sthankiya e Lancee (2010), que menciona o fato de algumas nuances do estilo de apego do indivíduo só se ativarem em determinadas situações, o que nem sempre acontece durante o preenchimento de uma escala de autorrelato. Há, portanto, necessidade de se realizar mais estudos longitudinais que contribuam para o entendimento do caráter de estabilidade ou flexibilidade do apego. Isso pode ser dificultado, especialmente no Brasil, devido à escassez de recursos

e investimentos em pesquisa, o que provavelmente justifica a realização de mais pesquisas de método quantitativo do que outras metodologias.

Observou-se que uma parcela dos estudos (21%) era de caráter longitudinal ou faziam parte de um projeto longitudinal mais abrangente. Este aspecto é especialmente relevante em se tratando de apego, pois estudos divergem quanto à sua estabilidade ao longo da vida e quanto à influência de eventos de impacto significativo que podem vir a modificar os estilos de apego (Butler, Harper & Mitchell, 2011; Benson, Sevier & Christensen, 2013; Dalgleish et al., 2015; Burgess Moser et al., 2016; Johnson et al., 2016). Os estudos longitudinais possibilitam maior aprofundamento e fidedignidade aos achados sobre o apego, e podem contribuir no entendimento da relação entre a expressão do apego na vida adulta com vivências anteriores dos sujeitos investigados.

Diante das diferentes formas de explorar esse construto, há destaque para um estudo que investigou respostas psicofisiológicas relacionadas aos estilos de apego (Seedall & Lachmar, 2016) e, para tanto, utilizou um método diferente das demais pesquisas. Considerando que situações de estresse e ameaça provocam reações no organismo e que são gatilhos para a manifestação do estilo de apego individual (Powers, Pietromonaco, Gunlicks & Sayer, 2006), surpreende que poucos estudos explorem a relação entre mente e corpo.

Quanto aos instrumentos para avaliar o estilo de apego, percebe-se uma maior utilização de escalas que aferem o estilo de apego com o parceiro atual, como a *Experience in Close Relationships* (Brennan, Clark & Shaver, 1998), em comparação com o estilo de apego que o indivíduo manifesta em relacionamentos românticos no geral, como a *Relationship Scale Questionnaire* (Griffin & Bartholomew, 1994). Por vezes, a literatura aponta para uma diferença entre o estilo de apego com o parceiro atual e aquele que o indivíduo apresentou em outros relacionamentos românticos (Ravitz et al., 2010). Isso se deve ao fato de outras variáveis contribuírem para um indivíduo se sentir mais seguro ou inseguro com o parceiro. Essas incongruências mostram que o construto apego é difícil de ser mensurado, e as pesquisas têm limitações quanto à consistência dos resultados.

O fato de Bowlby (1969, 1982) ter proposto o apego como sendo um construto estável ao longo do tempo pode estar relacionado ao baixo número de investigações sobre ele, especialmente qualitativas, levando os pesquisadores a voltarem suas atenções para outras variáveis relacionadas à conjugalidade. Há estudos que indicam, por

exemplo, que as estratégias construtivas de resolução de conflitos podem influenciar indivíduos com estilo de apego inseguro a serem mais resolutivos nas questões estressantes do relacionamento (Schereen, Vieira, Goulart & Wagner, 2014), e essas são habilidades que podem ser aprendidas e modificadas ao longo da vida, ampliando as possibilidades da prática clínica.

No que diz respeito aos resultados das pesquisas analisadas, nota-se que eles são divergentes, o que pode ser justificado pela diversidade de variáveis envolvidas no mesmo estudo, dificultando o aprofundamento na compreensão do impacto do estilo de apego na conjugalidade. Considera-se, ainda, que essas variáveis têm, muitas vezes, diferentes terminologias. Alguns autores mencionam a dificuldade de generalização de pesquisas sobre casais por este ainda ser um campo em que há diversas nomenclaturas para o mesmo fenômeno ou construto, o que dificulta a mensuração e comparação dos resultados de estudos (Monteiro, 2001; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006). As divergências nos resultados também podem ocorrer devido às características da população estudada ou, ainda, pelas limitações dos instrumentos utilizados.

Em geral, o estilo de apego seguro apareceu relacionado a maior ajustamento conjugal e positividade na interação com o parceiro; o estilo de apego inseguro-ansioso se associou a relacionamentos mais temerosos ao se separar do outro; e o estilo de apego inseguro-evitativo se relacionou a níveis mais negativos de interação com o parceiro. Os estilos de apego inseguro demonstraram, também, maior relação com psicopatologias. Esses resultados são parecidos com a Teoria do Apego clássica de Bowlby, e as pesquisas subsequentes têm corroborado essas premissas. Todavia, algumas ressalvas são importantes para o entendimento do porquê esses resultados terem aparecido nas pesquisas revisadas.

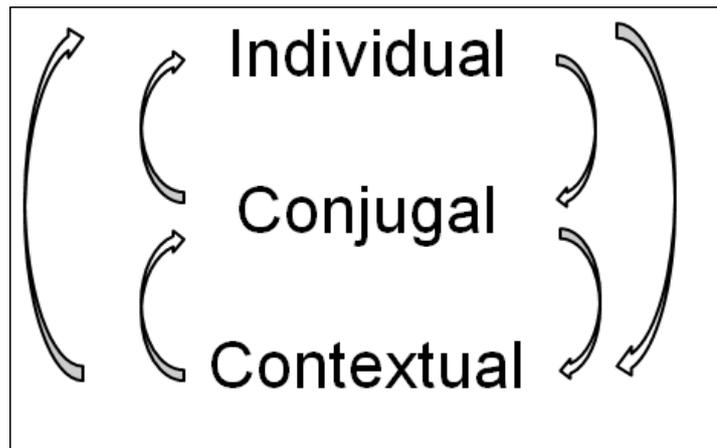
O estilo de apego inseguro-evitativo, em algumas situações, pode ser entendido como uma maneira do indivíduo se proteger emocionalmente do companheiro, como identificado por Smith, Breiding & Papp (2012) em estudo sobre depressão e felicidade conjugal. Ao identificarem que a depressão do cônjuge poderia também deprimi-los, os indivíduos manifestaram maiores níveis de apego inseguro-evitativo como estratégia de autopreservação. Analisando diadicamente, essa resposta do companheiro muitas vezes contribuía para adoecimento mais frequente do indivíduo com a psicopatologia (Dekel, 2007; Ein-Dor, Doron, Solomon, Mikulincer & Shaver, 2010; Herbert, McCormack &

Callahan, 2010; Gallagher et al., 2017) e conseqüentemente para a relação como um todo. Esse entendimento possibilita pensar que outras variáveis, como a condição psicológica do casal, podem influenciar na maneira como o estilo de apego individual se manifestará. O estilo de apego inseguro-evitativo é, muitas vezes, entendido como responsável pelos baixos níveis de qualidade conjugal, porém, alguns estudos, como Dekel (2007) e Smith, Breiding e Papp (2012) o associam a uma resposta a outros eventos estressantes do relacionamento, como a psicopatologia do parceiro.

É sabido que o estilo de apego do indivíduo se manifesta em situações de estresse e ameaça, como os identificados. Caso essas condições não existissem ou fossem sanadas, o indivíduo continuaria manifestando altos níveis de estilo de apego inseguro-evitativo? Ou se aproximaria de níveis mais seguros? Essas questões poderiam ser melhor entendidas através de estudos longitudinais, que avaliariam o indivíduo em diferentes momentos. De maneira semelhante, o estilo de apego inseguro-ansioso foi aferido sem que os indivíduos estivessem em uma situação de ameaça que viesse a ativar suas inseguranças, o que pode sugerir que os resultados seriam diferentes se tivessem outra abordagem metodológica.

Quanto à variedade de temas abordados nos estudos, é possível dividi-los em três eixos de análise que se articulam aos aspectos da conjugalidade: (a) os individuais, que contemplam a saúde psicológica e/ou física dos cônjuges, as características de personalidade dos parceiros, as características individuais, a idealização do relacionamento e os aspectos psicofisiológicos; (b), os conjugais, que englobam a dinâmica do casal, as crises no relacionamento e a sexualidade; e (c) os contextuais, que incluem o ciclo vital, a terapia de casal e a influência da família no relacionamento.

*Figura 2: Esquema de articulação dos aspectos da conjugalidade*



Esses eixos são relevantes, pois corroboram a literatura sobre conjugalidade (Anton, 2000; Rosado, Barbosa & Wagner, 2016), destacando as diversas influências que podem haver no casamento. O estilo de apego é uma variável que o indivíduo forma na infância e usa de modelo para suas relações ao longo de sua vida; dessa forma, possui implicações significativas na dimensão individual do relacionamento amoroso. Percebe-se com a análise dos estudos que o estilo de apego individual reverbera para os aspectos conjugais e pode ter raízes contextuais (por exemplo, a influência da família), o que denota o caráter sistêmico do construto, em que uma ação individual repercute não apenas na própria pessoa, mas também naquela com quem ela se relaciona. Conclui-se, por fim, que o estilo de apego individual é um construto sistêmico e complexo que implica diretamente na dimensão individual da conjugalidade, com reverberações para a conjugal propriamente dita e influência da dimensão contextual.

### **Considerações finais**

As informações reunidas neste estudo podem ser úteis para futuras pesquisas sobre o tema, uma vez que fornece um panorama geral acerca do estado da arte na literatura internacional e brasileira do estilo de apego e da conjugalidade, apontando para lacunas e incongruências. Diante disso, sugere-se: a) a realização de mais pesquisas voltadas exclusivamente para o estilo de apego em adultos, de modo a averiguar se esse constructo de fato tem o caráter de estabilidade apontado pelos autores da área, especialmente no contexto brasileiro, com as suas particularidades socioculturais; b) realizar mais investigações qualitativas e longitudinais, com o intuito de se obter uma visão mais aprofundada sobre o fenômeno, bem como de ampliar o conhecimento não

apenas sobre as repercussões do estilo de apego na relação conjugal, mas também sobre o modo como elas ocorrem, a dinâmica de funcionamento e especificidades.

Outro aspecto compreendido com uma lacuna na produção do conhecimento é a escassez de estudos e o pouco destaque dado à relação entre estilo de apego e conjugalidade na interseção com as questões de gênero dos cônjuges. O gênero é uma categoria diretamente relacionada ao contexto sócio-cultural, e somado ao fato de a maioria dos estudos serem de origem norte-americana, é possível questionar, ainda, quais seriam os resultados de investigações que analisassem o gênero tanto no Brasil quanto em outros contextos culturais.

Questiona-se, ainda, se diferentes arranjos de estilo de apego conjugais influenciariam na qualidade dos relacionamentos. Em geral, as pesquisas têm direcionado a atenção para a contribuição do estilo de apego de um indivíduo para a conjugalidade, porém, mais estudos sobre a interação diádica do apego trariam maior clareza se, dependendo do estilo de apego do cônjuge, um evento potencialmente estressor poderia favorecer a manifestação de maior ou menor insegurança no indivíduo.

Ressalta-se, ainda, as limitações deste estudo. É possível que não se tenha acessado a totalidade dos trabalhos publicados sobre o tema investigado, uma vez que esta investigação restringiu-se a analisar apenas artigos científicos, excluindo teses e dissertações, e com a utilização de descritores não padronizados em uma das bases de dados. Também foram priorizados os estudos com texto completo disponível, o que restringiu esta revisão.

### Referências

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Allendorf, K., & Ghimire, D. J. (2013). Determinants of marital quality in an arranged marriage society. *Social Science research*, 42(1), 59-70.
- Anton, I. (2000). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.

- Benson, L. A., Sevier, M., & Christensen, A. (2013). The impact of behavioral couple therapy on attachment in distressed couples. *Journal of marital and family therapy*, 39(4), 407-420.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and Prospect. *Am. J. Orthopsychiatry*, 52(4), 664-678.
- Brennan, K. A., Clark, C. L. & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: an integrative overview. In: Simpson, J. A. & Rholes, W. S. (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford.
- Burgess Moser, M., Johnson, S. M., Dagleish, T. L., Lafontaine, M. F., Wiebe, S. A., & Tasca, G. A. (2016). Changes in relationship-specific attachment in emotionally focused couple therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 42(2), 231-245.
- Butler, M. H., Harper, J. M., & Mitchell, C. B. (2011). A Comparison of Attachment Outcomes in Enactment-Based Versus Therapist-Centered Therapy Process Modalities in Couple Therapy. *Family Process*, 50(2), 203-220.
- Brum, E. H. M., Frizzo, G. B., Gomes, A. G., Silva, M. R., Souza, D. D., & Piccinini, C. A. (2012). Evolução dos modelos de pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 259-269.
- Cox, C. R., & Arndt, J. (2012). How sweet it is to be loved by you: the role of perceived regard in the terror management of close relationships. *Journal of personality and social psychology*, 102(3), 616.
- Dagleish, T. L., Johnson, S. M., Burgess Moser, M., Wiebe, S. A., & Tasca, G. A. (2015). Predicting key change events in emotionally focused couple therapy. *Journal of marital and family therapy*, 41(3), 260-275.
- Dekel, R. (2007). Posttraumatic distress and growth among wives of prisoners of war: The contribution of husbands' posttraumatic stress disorder and wives' own attachment. *American journal of Orthopsychiatry*, 77(3), 419.
- DeWall, C. N., Lambert, N. M., Slotter, E. B., Pond Jr, R. S., Deckman, T., Finkel, E. J., ... & Fincham, F. D. (2011). So far away from one's partner, yet so close to romantic alternatives: Avoidant attachment, interest in alternatives, and infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1302.

- Dinero, R. E., Conger, R. D., Shaver, P. R., Widaman, K. F., & Larsen-Rife, D. (2008). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Journal of Family Psychology, 22*(4), 622.
- Ein-Dor, T., Doron, G., Solomon, Z., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2010). Together in pain: Attachment-related dyadic processes and posttraumatic stress disorder. *Journal of Counseling Psychology, 57*(3), 317.
- Forsythe, L. P., Romano, J. M., Jensen, M. P., & Thorn, B. E. (2012). Attachment style is associated with perceived spouse responses and pain-related outcomes. *Rehabilitation psychology, 57*(4), 290.
- Gallagher, H. C., Lusher, D., Gibbs, L., Pattison, P., Forbes, D., Block, K., ... & Bryant, R. A. (2017). Dyadic effects of attachment on mental health: Couples in a postdisaster context. *Journal of Family Psychology, 31*(2), 192.
- Gere, J., MacDonald, G., Joel, S., Spielmann, S. S., & Impett, E. A. (2013). The independent contributions of social reward and threat perceptions to romantic commitment. *Journal of Personality and Social Psychology, 105*(6), 961.
- Griffin, D. & Bartholomew, K. (1994). Models of the Self and Other: Fundamental Dimensions Underlying Measures of Adult Attachment. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*(3), 430-445.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.
- Herbert, G. L., McCormack, V., & Callahan, J. L. (2010). An investigation of the object relations theory of depression. *Psychoanalytic Psychology, 27*(2), 219.
- Hwang, K., Johnston, M., & Smith, J. K. (2007). Romantic attachment in individuals with physical disabilities. *Rehabilitation Psychology, 52*(2), 184.
- Johnson, L. N., Tambling, R. B., Mennenga, K. D., Ketring, S. A., Oka, M., Anderson, S. R., ... & Miller, R. B. (2016). Examining attachment avoidance and attachment anxiety across eight sessions of couple therapy. *Journal of marital and family therapy, 42*(2), 195-212.
- Khalifian, C. E., & Barry, R. A. (2016). Trust, attachment, and mindfulness influence intimacy and disengagement during newlyweds' discussions of relationship transgressions. *Journal of Family Psychology, 30*(5), 592.

- Kruger, D. J., & Hughes, S. M. (2010). Variation in reproductive strategies influences post-coital experiences with partners. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 4(4), 254.
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P., ... & Moher, D. (2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. *PLoS medicine*, 6(7), e1000100.
- Loubat, M., Ponce, P., & Salas, P. (2007). Estilo de Apego en Mujeres y su Relación con el Fenómeno del Maltrato Conyugal. *Terapia psicológica*, 25(2), 113-122.
- Mohr, J. J., Selterman, D., & Fassinger, R. E. (2013). Romantic attachment and relationship functioning in same-sex couples. *Journal of counseling psychology*, 60(1), 72.
- Monteiro, André Maurício. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(3), 10-19.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paideia*, 16, 315-325.
- Nosko, A., Tieu, T. T., Lawford, H., & Pratt, M. W. (2011). How do I love thee? Let me count the ways: Parenting during adolescence, attachment styles, and romantic narratives in emerging adulthood. *Developmental Psychology*, 47(3), 645.
- Ratto, N., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2016). Attachment with mother and adolescents' conflict with romantic partner or close friend. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 48(1), 68.
- Rohmann, E., Neumann, E., Herner, M. J., & Bierhoff, H. W. (2012). Grandiose and vulnerable narcissism: Self-construal, attachment, and love in romantic relationships. *European Psychologist*, 17(4), 279.
- Rosado, J. S., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2016). Ajustamento Conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto. *Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 26-33.
- Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista brasileira de fisioterapia*, 11(1), 83-89.

- Scheeren, P., Vieira, R. V. D. A., Goulart, V. R., & Wagner, A. (2014). Marital quality and attachment: The mediator role of conflict resolution styles. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24(58), 177-186.
- Scheeren, P., Zanella Delatorre, M., Neumann, A. P., & Wagner, A. (2015). O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(3).
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2010). Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531.
- Seedall, R. B., Butler, M. H., Zamora, J. P., & Yang, C. (2016). Attachment change in the beginning stages of therapy: Examining change trajectories for avoidance and anxiety. *Journal of marital and family therapy*, 42(2), 217-230.
- Seedall, R. B., & Lachmar, E. M. (2016). Attachment-related dynamics during a positively themed couple interaction: Implications of anxiety and avoidance. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 5(1), 27.
- Seltermann, D., & Drigotas, S. (2009). Attachment styles and emotional content, stress, and conflict in dreams of romantic partners. *Dreaming*, 19(3), 135.
- Semensato, M. R., & Bosa, C. A. (2014). Apego em casais com um filho com autismo. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(2), 379-400.
- Serralta, F. B., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2011). Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(4), 501-510.
- Simons, L. G., Simons, R. L., Landor, A. M., Bryant, C. M., & Beach, S. R. (2014). Factors linking childhood experiences to adult romantic relationships among African Americans. *Journal of family psychology*, 28(3), 368.
- Skentelbery, S. G., & Fowler, D. M. (2016). Attachment styles of women-younger partners in age-gap relationships. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 10(2), 142.
- Smith, D. A., Breiding, M. J., & Papp, L. M. (2012). Depressive moods and marital happiness: Within-person synchrony, moderators, and meaning. *Journal of Family Psychology*, 26(3), 338.
- Tomlinson, J. M., Carmichael, C. L., Reis, H. T., & Aron, A. (2010). Affective forecasting and individual differences: Accuracy for relational events and anxious attachment. *Emotion*, 10(3), 447.

Uchino, B. N., Bosch, J. A., Smith, T. W., Carlisle, M., Birmingham, W., Bowen, K. S., ... & O'hartaigh, B. (2013). Relationships and cardiovascular risk: Perceived spousal ambivalence in specific relationship contexts and its links to inflammation. *Health Psychology, 32*(10), 1067.

## CAPÍTULO III – Artigo II

### QUALIDADE CONJUGAL: INSTRUMENTOS DE MEDIDA E A PERSPECTIVA DOS CASAIS

#### Resumo

O relacionamento conjugal continua fazendo parte do conjunto de tarefas evolutivas vitais que os indivíduos vivenciam ao longo da vida, portanto, tem crescido o número de pesquisas interessadas em compreender o que define a qualidade dos relacionamentos. Ao longo dos anos, muitos instrumentos surgiram para avaliar o construto qualidade conjugal, entretanto, não se sabe o quanto o conteúdo medido por tais escalas corresponde à qualidade conjugal vivenciada no relacionamento. Este estudo dedicou-se a analisar esta correspondência. Foram realizadas entrevistas com 25 casais do sul do Brasil para conhecer a sua conjugalidade e aquilo que eles consideravam um relacionamento de qualidade/feliz. As entrevistas foram analisadas segundo as temáticas apresentadas pelos sujeitos e, posteriormente, tais temáticas foram comparadas com os aspectos avaliados nos instrumentos mais utilizados para mensuração da qualidade conjugal disponíveis na atualidade. Como resultado da análise temática, foram identificados cinco temas que correspondem parcialmente aos conceitos explorados pela maioria dos instrumentos multidimensionais na medição da Qualidade Conjugal. Percebe-se diferenças culturais nos instrumentos americanos quanto a valorização de alguns temas, os quais não aparecem nos demais. Sugere-se que sejam realizadas mais pesquisas com a população latino-americana para melhor entendimento das particularidades envolvidas nos relacionamentos desta população, e para o desenvolvimento de medidas que estejam de acordo com tais especificidades.

**Palavras-chave:** qualidade conjugal, avaliação, casamento, conjugalidade.

#### Abstract

The marital relationship keeps being part of the set of vital evolutionary tasks that the individuals live through life, therefore, the number of researches interested in comprehend what defines marital quality has been increasing. Through the years, many

instruments have emerged to measure the construct marital quality, however, it's not known how much the content measured by the scales correspond to marital quality lived in the relationship. This study has dedicated to analyze that correspondence. Interviews with 25 couples from the south of Brazil were realized to know their conjugality and what they considered as a quality/happy relationship. The interview were analyzed as the thematic presented by the subjects and, after, those thematics were compared with the aspects measured in the most used instruments to measure marital quality available today. As result of the thematic analyze, were identified five themes that partially correspond to the concepts explored by the major of the multidimensional instruments that measure marital quality. Cultural differences are perceived in the american instruments about the appreciation of a few themes, which do not appear in the others. It is suggested the realization of more research with the latino-american population to better understanding of the particularity involved in the relationships of that population, and for the development of measures that are in accordance with such specifications.

**Keywords:** marital quality; measure; marriage; conjugality

## Introdução

A conjugalidade vem sendo extensamente estudada por diversos autores desde o início do século XX, quando pesquisadores começaram a buscar entender o que tornava um casal feliz e, mais do que isso, o que diferenciava um casal feliz de um casal infeliz (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2010). As relações conjugais seguem sendo um tema de estudo relevante, a despeito das mudanças sociais que vêm ocorrendo nas últimas décadas. Ainda que o casamento continue sendo uma etapa a ser vivida no ciclo vital e integre os planos de vida dos jovens (Zordan & Wagner, 2009), tem aumentado o número de diferentes arranjos conjugais em nossa sociedade (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009). Esses novos arranjos vêm sendo estudados e constata-se a coexistência de diversos modelos, que partem do clássico ao contemporâneo no que se refere à configuração e à estrutura conjugal e familiar (Heckler & Mosmann, 2016; Meletti & Scorsolini-Comin, 2015; Silva & Frizzo, 2014). Embora não haja clareza sobre o impacto desses novos modelos a longo prazo, é consenso que o declínio da qualidade conjugal leva ao desgaste do relacionamento e, em alguns casos, ao divórcio (Røsand,

Slinning, Røysamb, & Tambs, 2014; Yeh, Lorenz, Wickrama, Conger, & Elder Jr., 2006).

Apesar de haver um consenso sobre a importância da qualidade conjugal nos relacionamentos, não há um entendimento claro sobre o conceito de qualidade conjugal e a forma como este deve ser medido. Para além dos múltiplos termos utilizados na definição de uma boa relação conjugal, tais como satisfação, qualidade, ajustamento, felicidade e sucesso, a qualidade conjugal tem sido considerada na literatura especializada tanto como um construto global, unidimensional, e de avaliação subjetiva (Hendrick, 1988; Norton, 1983; Schumm et al., 1986), como um processo complexo e multidimensional (Fletcher, Simpson, & Thomas, 2000; Locke & Wallace, 1959; Spanier & Cole, 1976). Ambas as perspectivas utilizam distintos termos para se referir à qualidade do relacionamento, muitas vezes de forma intercambiável e com definições imprecisas, tornando difícil distinguir os conceitos e identificar o que de fato está sendo avaliado.

Para alguns pesquisadores, a qualidade conjugal é composta apenas por uma dimensão de avaliação global e subjetiva do relacionamento e, por isso, é considerada equivalente à satisfação conjugal (Hendrick, 1988; Norton, 1983; Røysamb, Vittersø, & Tamps, 2014; Schumm et al., 1986). Outros pesquisadores, no entanto, consideram a qualidade conjugal como um construto multidimensional, mais complexo e abrangente do que a satisfação com o relacionamento. Há uma grande variedade de dimensões avaliadas nos instrumentos desse tipo: satisfação, comunicação, conflitos, sexualidade, amor, coesão, consenso, compromisso e investimento no relacionamento, entre outros.

Além da falta de uniformidade entre os estudos que abordam a qualidade conjugal, essa ampla variedade de dimensões se sobrepõe a outros construtos, cujas associações com a qualidade conjugal costumam ser investigadas, tais como a comunicação e a resolução de conflitos. Essa sobreposição pode fazer com que sejam obtidos resultados inflados, uma vez que os construtos correlacionados já estão incluídos na própria composição da qualidade conjugal (Funk & Rogge, 2007; Norton, 1983). É possível que essa desconexão entre definições, instrumentos e tipos de estudos, seja resultado de uma tradição atórica que caracterizou as pesquisas sobre qualidade conjugal nas últimas décadas, e que vem sendo amplamente criticada na literatura internacional (Knapp & Lott, 2010). Essas críticas têm gerado esforços no sentido da

elaboração teórica e da integração entre os resultados de diferentes abordagens de pesquisa (Fowers & Owenz, 2010; Knapp & Holman, 2010).

Uma forma de abordar esse problema é a utilização de modelos teóricos existentes que se propõem a explicar os relacionamentos conjugais para diferenciar a qualidade conjugal de variáveis associadas e contextualizar teoricamente o construto. O *Vulnerability-Stress-Adaptation Model* explica a qualidade conjugal considerando de três grupos de variáveis: o contexto, a individualidade e os processos adaptativos. Esse modelo parte de uma perspectiva integrativa que reúne aspectos de diversos modelos anteriores para alcançar uma explicação mais completa sobre o desenvolvimento dos relacionamentos amorosos ao longo do tempo. Uma das vantagens do modelo é a possibilidade de estudar diferentes fatores relacionados à vida conjugal por meio da variação dos temas investigados dentro desses grandes grupos de variáveis. Dessa forma, um pesquisador poderia estar interessado em estudar o papel da variável individualidade na relação conjugal, considerando os valores pessoais de cada parceiro. Outro pesquisador poderia investigar a mesma variável analisando o papel da personalidade dos cônjuges no relacionamento (Karney & Bradbury, 1995; Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). No que diz respeito à qualidade conjugal, o modelo é útil pois a definição de contexto, individualidade, e especialmente de processos adaptativos pode servir como parâmetro de diferenciação das variáveis, de forma a auxiliar na construção de uma definição para a qualidade conjugal.

Uma das limitações do *Vulnerability-Stress-Adaptation Model*, no entanto, é o fato de que satisfação e qualidade conjugal são consideradas sinônimos (Karney & Bradbury, 1995). Essa interpretação restringe a abrangência do construto de qualidade no relacionamento, o que vai de encontro ao movimento recente na literatura de considerar a complexidade do construto (Fowers & Owenz, 2010; Knapp & Lott, 2010).

Nesse contexto, a Teoria Triangular do Amor de Sternberg, embora não trate especificamente da qualidade conjugal, oferece um panorama abrangente baseado em componentes motivacionais, emocionais e cognitivos que contribuem para a explicação de como os relacionamentos amorosos se formam e se mantêm. O componente motivacional inclui o ímpeto à atração física, à sexualidade, e ao romance no relacionamento. O componente emocional refere-se à intimidade, definido como sentimento de proximidade, conexão e vínculo. Por fim, o componente cognitivo, decisão/compromisso, inclui a decisão de estar com o parceiro, a curto prazo, e o

compromisso em manter o amor e relacionamento a longo prazo. Embora esses componentes possam interagir em muitas trajetórias, a teoria postula que comumente a paixão seja responsável pelo envolvimento, sendo que sua intensidade diminui rapidamente. Já a intimidade costuma ter aparecimento mais lento, mas tende a se tornar mais ou menos estável em relacionamentos bem-sucedidos. Da mesma forma, a decisão/compromisso aparece de forma estável, sendo a principal responsável pela continuidade da união em períodos de crise no relacionamento (Sternberg, 1986).

Em contrapartida, os instrumentos disponíveis e as teorias utilizadas para o entendimento e avaliação dos casais são de origem americana e, por isso, podem refletir aspectos culturais relacionados ao contexto para o qual foram construídas. Além disso, é importante conhecer o que os próprios casais entendem e vivenciam como qualidade conjugal, a fim de compreender de forma mais aprofundada os diferentes aspectos do relacionamento e como esses aspectos compõem a qualidade conjugal. Assim, é fundamental compreender a qualidade conjugal no contexto brasileiro, de forma que esse entendimento se reflita nos instrumentos utilizados para avaliar o construto.

O presente artigo objetivou investigar quais temas compõem o conceito de qualidade conjugal para casais do sul do Brasil, fazer um levantamento dos temas incluídos nos instrumentos que se propõem a avaliar o construto qualidade conjugal e comparar os temas mencionados pelos sujeitos com aqueles que aparecem nos instrumentos analisados. Com isso, espera-se contribuir para a compreensão do construto no contexto local e para a orientação de pesquisadores e clínicos quanto a abrangência dos instrumentos de acordo com a perspectiva dos casais entrevistados.

## **Método**

### *Participantes*

Os participantes do estudo foram 25 casais que moravam juntos há, no mínimo, seis meses no momento da coleta de dados. Dentre os casais entrevistados, 19 eram heterossexuais e seis homossexuais (três femininos e três masculinos). A idade dos casais variou de 26 a 63 anos, e o tempo de união variou de sete meses a 36 anos. Quanto à situação conjugal, 15 casais eram casados oficialmente e 10 coabitavam com o companheiro, sendo que 15 participantes já haviam coabitado ou haviam sido casados antes da união atual. No que diz respeito a filhos, 13 casais tinham filhos juntos, enquanto que nove participantes tinham filhos com outras pessoas que não o

companheiro atual. A escolaridade dos participantes era de nível fundamental (5), médio (13), superior (13) e pós-graduação (19). A renda familiar mensal dos casais variou de 2,25 a 58,69 salários-mínimos, sendo a média de 9,07 salários-mínimos. A maioria dos participantes declarou ter alguma religião (31), sendo a religião Católica a mais prevalente (15). Todos os participantes do estudo residiam no Rio Grande do Sul ou em Santa Catarina no momento da coleta de dados. As características dos participantes estão detalhadas na Tabela 1.

*Tabela 1: Caracterização dos participantes do estudo*

		Idade	Tempo de coabitação	Situação conjugal	Recasamento	Filhos	Escolaridade	Renda familiar (R\$)	Religião
Casal 1	H	35	9 anos e 1 mês	Coabitação	Não	Não	Ens. Superior	4600	Sim
	M	31			Não	Não	Pós-Graduação		Não
Casal 2	H	34	7 anos e 6 meses	Casados	Não	Não	Pós-Graduação	varia	Não
	M	32			Não	Não	Pós-Graduação		Não
Casal 3	H1	36	10 meses	Coabitação	Não	Não	Ens. Médio	5500	Não
	H2	28			Não	Não	Pós-Graduação		Não
Casal 4	H	37	5 anos e 2 meses	Casados	Sim	Sim*	Ens. Superior	8000	Adventista
	M	41			Sim	Sim*	Ens. Fundamental		Adventista
Casal 5	H1	26	3 anos e 4 meses	Coabitação	Não	Não	Pós-Graduação	9000	Não
	H2	34			Não	Não	Ens. Superior		Cristã
Casal 6	M1	37	5 anos e 6 meses	Casadas	Não	Sim	Pós-Graduação	9000	Cristã
	M2	39			Não	Sim	Pós-Graduação		Católica
Casal 7	H	47	21 anos	Casados	Não	Sim	Ens. Fundamental	3000	Católica
	M	40			Não	Sim	Ens. Fundamental		Católica
Casal 8	H	53	20 anos e 10 meses	Casados	Não	Sim	Ens. Médio	6000	Católica
	M	43			Não	Sim	Ens. Médio		Católica
Casal 9	H	49	26 anos e 10 meses	Coabitação	Não	Sim	Ens. Médio	8000	Espírita
	M	43			Não	Sim	Ens. Médio		Espírita
Casal 10	H	47	14 anos e 1 mês	Casados	Sim	Sim*	Ens. Superior	7000	Umbanda
	M	55			Não	Sim*	Pós-Graduação		Umbanda
Casal 11	H	63	36 anos	Casados	Não	Sim	Ens. Superior	15000	Não
	M	62			Não	Sim	Ens. Médio		Não
Casal 12	H	42	15 anos e 2 meses	Casados	Não	Sim	Ens. Superior	6100	Católica
	M	43			Não	Sim	Ens. Superior		Católica
Casal 13	H	43	3 anos e 7 meses	Coabitação	Sim	Sim*	Ens. Médio	4000	Cristã
	M	48			Sim	Sim*	Pós-Graduação		Cristã
Casal 14	M1	51	11 anos e 10 meses	Coabitação	Sim	Sim*	Pós-Graduação	9500	Espírita
	M2	48			Sim	Não	Ens. Superior		Espírita
Casal 15	M1	57	18 anos e 7	Casadas	Sim	Não	Pós-Graduação	5400	Católica

	M2	48	meses		Sim	Não	Pós-Graduação		Não
Casal 16	H	49	21 anos e 3 meses	Coabitação	Sim	Sim	Ens. Fundamental	2100	Católica
	M	63			Sim	Sim	Ens. Fundamenta		Católica
Casal 17	H	50	31 anos	Casados	Não	Não	Pós-Graduação	55000	Sim
	M	49			Não	Não	Ens. Superior		Sim
Casal 18	H	38	8 anos e 5 meses	Casados	Não	Sim	Pós-Graduação	7000	Não
	M	33			Sim	Sim	Pós-Graduação		Não
Casal 19	H	38	4 anos e 8 meses	Casados	Não	Sim	Ens. Superior	3070	Católica
	M	39			Sim	Sim	Pós-Graduação		Não
Casal 20	H	40	21 anos	Casados	Não	Sim	Ens. Médio	4400	Não
	M	38			Não	Sim	Ens. Médio		Não
Casal 21	H	59	30 anos	Coabitação	Sim	Sim	Ens. Médio	2800	Católica
	M	61			Sim	Sim	Ens. Médio		Católica
Casal 22	H	34	13 anos	Coabitação	Não	Sim	Ens. Médio	4900	Católica
	M	32			Não	Sim	Pós-Graduação		Católica
Casal 23	H	38	17 anos e 1 mês	Casados	Não	Não	Ens. Médio	11000	Não
	M	34			Não	Não	Ens. Superior		Não
Casal 24	H1	27	7 meses	Coabitação	Não	Não	Pós-Graduação	4700	Não
	H2	32			Não	Não	Ens. Superior		Espírita
Casal 25	H	29	8 anos e 10 meses	Casados	Não	Sim	Ens. Superior	9000	Não
	M	32			Não	Sim	Pós-Graduação		Não

### *Instrumentos e procedimentos de coleta dados*

Solicitou-se que preenchessem uma ficha de dados sociodemográficos e fez-se uma entrevista semi-estruturada. A entrevista abordava a história do casal, as características que destacam no(a) parceiro(a), a demonstração de afeto no relacionamento, os momentos felizes e de dificuldades enfrentados pelo casal, a forma de manejo da tomada de decisões, a comunicação e os conflitos. Também foi perguntado ao casal sobre quais aspectos eram considerados por eles necessários para um relacionamento de boa qualidade. As entrevistas foram realizadas na presença de ambos os cônjuges.

O acesso aos participantes se deu a partir da rede de contatos das pesquisadoras. Os critérios de inclusão na pesquisa foram estar em coabitação há no mínimo seis meses e ter idade mínima de 18 anos, a fim de abranger ao máximo a diversidade de arranjos conjugais, fases do ciclo vital e níveis socioeconômicos. Após o contato com os casais e a concordância em participar do estudo, foi agendada e realizada a entrevista. As entrevistas foram realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, duraram em média 45 minutos, sendo gravadas em áudio e posteriormente

transcritas para análise. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### *Análise dos dados*

Em um primeiro momento, as entrevistas foram submetidas à análise temática (Braun & Clarke, 2006). Foi realizada uma familiarização com o conteúdo, por meio da leitura e releitura do material. A partir dessa leitura, foram gerados códigos iniciais, identificando características interessantes no conjunto de dados e colhendo informações relevantes para cada código. Em seguida, os códigos iniciais foram agrupados em possíveis temas, gerando um mapa temático da análise como um todo. Os temas foram então definidos, nomeados, e contextualizados na análise geral.

A qualidade conjugal foi diferenciada de aspectos associados à qualidade do relacionamento com base no *Vulnerability-Stress-Adaptation Model* (Karney & Bradbury, 1995) e na Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986). Embora os autores do *Vulnerability-Stress-Adaptation Model* considerem apenas a satisfação como indicador da qualidade do relacionamento, a abordagem adotada neste estudo considerou a qualidade conjugal como um construto multidimensional. Por isso, foram incluídos temas inerentes ao relacionamento que não se enquadraram nos demais grupos de variáveis (individualidade, contexto e processos adaptativos) avaliados pelo Modelo. Assim, ainda que a perspectiva adotada tenha sido a de qualidade conjugal como um construto complexo, temas incluídos na avaliação da qualidade conjugal por alguns autores, como a comunicação, os conflitos e o consenso foram considerados como processos adaptativos, e não como componentes da qualidade do relacionamento.

Em um segundo momento, foi realizado um levantamento dos conteúdos avaliados pelos instrumentos sobre qualidade conjugal. A escolha desses instrumentos se deu com base em revisão de literatura prévia (Delatorre & Wagner, 2018), a partir da qual foram selecionados as escalas mais utilizadas nos últimos 10 anos. Além disso, dois instrumentos construídos para o contexto brasileiro e que não integraram a revisão de literatura também foram incluídos na análise, sendo eles: AQUARELA-R (Andrade & Garcia, 2012) e EFS-RC (Wachelke, De Andrade, Cruz, Faggiani, & Natividade, 2004). Esses instrumentos foram inseridos além da revisão da literatura (Delatorre & Wagner, 2018), por se tratarem de produções nacionais, tendo sido produzidos levando em conta o contexto brasileiro que, talvez, não tenham sido encontrados na revisão

anterior por se tratar de trabalhos relativamente recentes. Uma vez identificados os instrumentos, foram extraídas informações sobre a nacionalidade, o número de itens, as dimensões avaliadas e suas definições, e a descrição do conceito qualidade conjugal que compunha cada instrumento. As temáticas identificadas na análise das entrevistas foram então comparadas ao conteúdo extraído dos instrumentos, a fim de verificar a correspondência entre os aspectos mencionados pelos sujeitos com aqueles que aparecem nos instrumentos analisados.

## Resultados

Após a conclusão da análise temática, foram identificados cinco temas que compreendem as definições dos sujeitos entrevistados sobre Qualidade Conjugal: Compromisso; Intimidade; Atração e sexo; Carinho e afeto; e Satisfação.

### *Compromisso*

Este tema reúne os relatos sobre o compromisso e o investimento dos participantes, a fim de manter o relacionamento. Esse investimento requer o esforço, dedicação e interesse de ambos os cônjuges para que a relação tenha sucesso.

*“A gente luta pra dar certo, a gente batalha pra dar certo, a gente tenta resolver pra dar certo, a gente se desentende, a gente briga, a gente discute, mas... (...) Empenho, dedicação... Esforço, o abrir mão” (Mulher, Casal 4, 41 anos, juntos há 5 anos e 2 meses).*

*“Mesmo em momentos difíceis como foi a época da crise com a minha família, ou da crise financeira (...) a gente sempre segurou as pontas junto” (Mulher 1, Casal 6, 37 anos, juntas há 5 anos e 6 meses)*

Além disso, em diversas entrevistas os cônjuges relataram a importância do companheirismo do parceiro, bem como o apoio recebido mutuamente, para o bom andamento da relação.

*“Ter pra quem contar, num momento de felicidade, num momento ruim. Você chegar e ter aquela pessoa pra dizer ‘ó, hoje aconteceu isso, aconteceu isso... de bom, isso de ruim’. E ter um ombro pra desabafar às vezes.” (Mulher, Casal 8, 43 anos, juntos há 20 anos e 10 meses).*

*“Foi bem importante pra nossa relação, caminhar juntos e tentar se apoiar nesses momentos [difíceis]” (Mulher, Casal 2, 32 anos, juntos há 7 anos e 6 meses).*

*“Ele chega da faculdade meia noite. Eu sempre tenho uma preocupação que eu sei que ele vai chegar com fome. Então sempre tem que deixar alguma coisa pra ele, nem que seja um sanduíche...(...) É uma forma de demonstrar carinho, apoio por ele ter retomado os estudos...” (Mulher, Casal 23, 34 anos, juntos há 17 anos e 1 mês).*

Alguns relatos também expressam a importância da decisão de continuar juntos e da clareza sobre o que cada um espera do relacionamento.

*“Eu tenho clareza do que eu quero, ela tem clareza do que ela quer (...) A gente sabe, desde o começo a gente sabia que a gente queria alguém pra ficar junto, pra ter filho, pra ter família, pra... acampar nas férias, sabe.” (Mulher 1, Casal 6, 37 anos, juntas há 5 anos e 6 meses).*

*“Pelo sentimento de amor e de compromisso com a R., jamais pensei assim em desistir ou voltar pra uma zona de conforto que eu tinha lá na minha cidade” (Homem, Casal 13, 43 anos, juntos há 3 anos e 7 meses).*

*“Essas coisas externas elas nunca chegaram a um ponto assim de abalar o nosso casamento. Não, porque eu acho que o casamento foi uma coisa assim... Sólida, né? Uma coisa que a gente realmente queria” (Homem, Casal 11, 63 anos, juntos há 36 anos).*

### *Intimidade*

Neste tema, os conteúdos que referem à intimidade dizem respeito à condição dos sujeitos de se conhecerem mutuamente, de forma a desmistificar aspectos idealizados sobre o(a) companheiro(a) e de facilitar a comunicação não verbal, a partir da familiaridade com os comportamentos e formas de expressão do outro em diferentes situações.

*“Quebrou o encanto, quebrou a mágica (...) Daí tu começa a ver que existe uma pessoa ali. Porque tem a fase do romantismo sabe (...) quando tu está ali tu tá só pra pessoa inteiramente, não vai fazer nada errado. E a gente já passou dessa fase, e a gente consegue perceber e mapear já às vezes, as fases das pessoas, né” (Homem 1, Casal 5, 26 anos, juntos há 3 anos e 4 meses).*

*“E aí tu vai conhecendo também com o tempo o jeito da outra pessoa, né. Eu sei quando ele tá irritado. Aí,... eu vou lá pro meu cantinho (...) Daí quando*

*volta não tem mais briga” (Mulher, Casal 9, 43 anos, juntos há 26 anos e 10 meses).*

*“Acho que no início até a gente se alfinetava um pouquinho. Ai, bagunçou aqui. Ai, desarrumou lá, ai, não fez isso, ai, não fez aquilo. Mas hoje em dia ele já sabe. Tanto que hoje ele já nem me pergunta, ou eu nem falo, ele já sabe, ele já faz, ou eu vou lá e já faço, entendeu? A gente já sabe o jeito um do outro” (Mulher, Casal 19, 39 anos, juntos há 4 anos e 8 meses).*

Esses conteúdos também expressam a possibilidade de compartilhamento de experiências e sentimentos bons e ruins com o(a) cônjuge, bem como de sentimentos de abertura ao companheiro(a), de proximidade, de cumplicidade, e de pertencimento à relação.

*“Cumplicidade, né (...) de saber que tu pode dividir com a pessoa não só as coisas boas, mas também as ruins” (Mulher, Casal 2, 32 anos, juntos há 7 anos e 6 meses)*

*“Uma sensação de pertencer a alguém, de fazer sentido pra alguém, que é, é gostoso de sentir isso, sabe, isso me chamava a atenção” (Mulher, Casal 4, 41 anos, juntos há 5 anos e 2 meses).*

Houve um relato em especial que destacou o lado negativo da intimidade, que também pode ser nociva ao relacionamento.

*“A intimidade eu acho que é uma das coisas mais difíceis de tu lidar no relacionamento. Porque tu nunca sabes até onde é que tu pode ir, até onde é que tu não pode ir, porque a intimidade, ela pode acabar com o relacionamento (...) É uma linha invisível que tu tem que com o tempo, ir sentindo aonde tu pode chegar com a outra pessoa” (Homem 1, Casal 3, 36 anos, juntos há 10 meses).*

### *Atração e Sexo*

Este tema diz respeito aos conteúdos relativos à estética e à beleza física do cônjuge; à paixão e à atração sexual pelo(a) companheiro(a) e à sexualidade vivenciada pelo casal, em especial no início do relacionamento.

*“A atração física é a primeira coisa que atrai... dois seres humanos. (...) Tu não sente atração por alguém... pela inteligência dela, a primeira coisa que atrai é o físico...” (Mulher, Casal 9, 43 anos, juntos há 26 anos e 10 meses).*

*“Tem que haver a química. Essa química, no início do nosso relacionamento, pra mim né, teve, eu senti por ela” (Homem, Casal 9, 49 anos, juntos há 26 anos e 10 meses).*

*“Eu vejo assim ó, o casamento... Ele começa com uma fase de conhecimento começa com uma química impressionante... é o que movimenta a gente” (Homem, Casal 11, 63 anos, juntos há 36 anos).*

Há ainda relatos sobre a importância da atração e da sexualidade ao longo de todo o relacionamento.

*“É, a paixão do início claro que não, mas existe ainda (...) Mas existe momentos que ela volta. Com certeza” (Homem, Casal 8, 53 anos, juntos há 20 anos e 10 meses).*

A sexualidade foi mencionada por alguns entrevistados quanto ao espaço que ocupa no relacionamento conjugal.

*“Tem que ter tesão (...) Senão é uma comunidade só de amigos. Acho que tem que ter... a coisa de pele tem que funcionar.” (Mulher 1, Casal 6, 37 anos, juntas há 5 anos e 6 meses )*

*“A gente foi numa festa e teve uma amiga que disse assim, ah, pra mim sexo no casamento pra mim tem que ser 80%. (...) que adianta eu fazer 80% de sexo e ser infeliz? Não adianta...” (Mulher 2, Casal 15, 48 anos, juntas há 18 anos e 7 meses).*

### *Carinho e afeto*

Este tema reúne relatos sobre a importância de demonstrar amor, carinho e nutrir afeto pelo(a) companheiro(a). As demonstrações de afeto abrangem uma larga variedade de comportamentos, como passar tempo e fazer coisas juntos, conversar, andar de mãos dadas, trocar abraços, beijos e carícias.

*“Tá no sofá, a gente tá junto, senta, toma chimarrão, os dois tão perto, os dois conversam, a gente se abraça, a gente se beija” (Homem 1, Casal 5, 26 anos, juntos há 3 anos e 4 meses).*

*“A gente é muito do “eu te amo”, né. Antes de sair, não sai sem dar um beijo (...) dar boa noite (...) E de dizer eu te amo. “Eu te amo” com bastante frequência, assim, diariamente a gente se diz eu te amo.” (Mulher, Casal 18, 33 anos, juntos há 8 anos e 5 meses).*

Demonstrar preocupação e cuidado com o outro, lembrar de datas importantes para o casal, dar presentes e fazer pequenos agrados ao cônjuge também foram referidos como formas de demonstração de carinho.

*“A gente sempre procura cuidar da gente mesmo, aquela questão de namoro de sempre, sempre, sempre, sabe? Aqueles eternos namorados, sabe? Porque eu sou muito carinhoso e ela também” (Homem, Casal 10, 47 anos, juntos há 14 anos e 1 mês).*

*“Uma coisa que marca muito, que é um hábito que a gente foi construindo e, desde o início da nossa relação, é que a primeira que vai escovar os dentes já deixa a pasta na escova pra outra. Se tu fez alguma coisa que a outra não ta legal, tu já sente por ali (risos)” (Mulher 1, Casal 14, 51 anos, juntas há 11 anos e 10 meses).*

*“Bah, e agradecer. Eu gosto de dar presente pra R.” (Homem, Casal 13, 43 anos, juntos há 3 anos e 7 meses).*

Houve casais que apontaram o romance e o próprio amor no relacionamento com sentido utópico e idealizado, insuficiente para sustentar o relacionamento.

*“Essa coisa do cupido, essa coisa romântica, ela não existe (...) Essa coisa romântica no sentido utópica assim, né, de encontrar a pessoa perfeita” (Homem 1, Casal 5, 26 anos, juntos há 3 anos e 4 meses).*

*“É claro que tu tem o amor, mas o respeito e a consideração, isso é essencial. Pode existir um pouquinho menos de amor (...) mas não pode existir um pouquinho menos de respeito” (Homem, Casal 11, 63 anos, juntos há 36 anos).*

### Satisfação

Este tema reúne a avaliação que os sujeitos fazem do relacionamento. As avaliações se referem aos momentos (atuais ou passados) do casal, ao relacionamento como um todo e ao impacto da relação na própria vida.

*“Se tu me perguntares assim (...) Vamos começar de novo? Bota a fita no começo. Que que tu quer fazer? Tu quer fazer o que tu fez ou alguma coisa diferente? Não, eu quero fazer o que eu fiz” (Homem, Casal 11, 63 anos, juntos há 36 anos).*

*“É sensacional. A minha vida entre antes de conhecer a R. e depois, eu sou uma outra pessoa, eu sou um outro E. (...) sou muito feliz. Quisera eu ter conhecido ela na adolescência, sabe (...) A gente teria vivido muito mais coisa junto” (Homem, Casal 13, 43 anos, juntos há 3 anos e 7 meses).*

*“Eu curto todos os momentos. Até as brigas (risos), as discussões, as felicidades, os abraços, os beijos... Então, eu sempre digo, eu estou há 19 anos feliz” (Mulher 2, Casal 15, 48 anos, juntas há 18 anos e 7 meses).*

Houve diferentes parâmetros de avaliação do relacionamento, bem como diferentes formas de comparação com o próprio relacionamento e com outros casais.

*“Pra mim ta melhor do que quando a gente começou, né”. (Mulher, Casal 20, 38 anos, juntos há 21 anos)*

*“É que tu dizer 10 é aquele casal que nunca briga, que nunca diverge, que nunca discute, que nunca tem opinião diferente. Então não considero que seja maravilhoso, porque sempre tem, sempre tem alguma divergência em alguma situação, sempre tem.” (Mulher, Casal 9, 43 anos, juntos há 26 anos e 10 meses).*

*“A gente ta num caminho que a gente almejava, que a gente queria. Então é só seguir nesse caminho e manter o nível 10 (risos)” (Homem, Casal 19, 38 anos, juntos há 4 anos e 8 meses).*

Alguns casais mencionaram o equilíbrio do relacionamento, pontuando-o com momentos bons e ruins, facilidades e dificuldades.

*“Não é ótimo. Mas ele é bom. Ele é de qualidade. Pra ótimo... Seria aquela coisa que um não precisa nem falar com o outro, né, já ta tudo acontecendo. Mas é uma relação muito tranquila, assim” (Mulher 1, Casal 14, 51 anos, juntas há 11 anos e 10 meses).*

*“Eu acho que bom pra ótimo. Claro que perfeito assim eu acho que não existe, não é um filme, né? Mas... Entre momentos ruins e bons, eu acho que tem mais bons” (Homem, Casal 22, 34 anos, juntos há 13 anos).*

*“É um relacionamento bom, é como eu falei, a gente tem altos e baixos, né” (Mulher, Casal 23, 34 anos, juntos há 17 anos e 1 mês).*

O compromisso, a intimidade, a atração/sexo, o carinho/afeto e a satisfação com o relacionamento foram os temas que compuseram a percepção dos casais entrevistados. A partir destes temas apontados como importantes para a qualidade conjugal, levantou-se as variáveis que compunham alguns dos instrumentos destinados a avaliação deste construto. Os instrumentos analisados são detalhados na Tabela 1.

Tabela 2: Detalhamento dos instrumentos analisados

Instrumento e autores	País	Nº de itens	Dimensões avaliadas	Detalhamento	Dimensões correspondentes
DAS* Spanier (1976)	Estados Unidos	32	Satisfação Coesão Consenso Expressão de afeto	Define ajustamento conjugal como um processo composto pelos eventos, circunstâncias e interações que movem o casal ao longo de um continuum de ajustamento. Satisfação: sentimentos sobre o relacionamento. Coesão: grau de compartilhamento emocional do casal e engajamento mútuo em atividades a dois. Consenso: grau de concordância na tomada de decisões pelo casal, em assuntos importantes para o relacionamento. Expressão de afeto: demonstrações de afeto e da disponibilidade para relações sexuais.	Carinho e afeto Satisfação
MAT Locke & Wallace (1959)	Estados Unidos	15	Unidimensional	Conceitua o ajustamento conjugal como a satisfação dos membros do casal um com o outro e com o relacionamento, o desenvolvimento de interesses e atividades em comum e o atendimento às expectativas em relação ao casamento.	Satisfação
QMI Norton (1983)	Estados Unidos	6	Unidimensional	Avalia o relacionamento de forma global. Os itens incluem questões sobre o quão bom, estável, forte e feliz é a união e o grau de pertencimento à relação.	Satisfação
RAS* Hendrick (1988)	Estados Unidos	7	Unidimensional	Avalia satisfação geral com o relacionamento. Inclui itens sobre o quanto o parceiro atende às necessidades e expectativas, satisfação, amor, problemas e desejo de não estar no relacionamento.	Satisfação
KMSS Schumm et al. (1986)	Estados Unidos	3	Unidimensional	Avalia satisfação com o casamento e com o cônjuge.	Satisfação
RDAS* Busby, Christensen, Crane, & Larson (1995)	Estados Unidos	14	Satisfação Coesão Consenso	Versão revisada da DAS. Ajustamento conjugal como um conceito hierárquico representado por três fatores de segunda ordem: consenso (formado pelos fatores de primeira ordem: tomada de decisão, valores e afeição), satisfação (estabilidade e conflito) e coesão (atividades e discussões).	Satisfação
ESC* Pick de Weiss & Andrade Palos (1988)	México	24	Aspectos emocionais Interação conjugal Aspectos estruturais	Avalia satisfação conjugal, definida como atitude com relação a aspectos do cônjuge e da interação conjugal. Os itens incluem a avaliação da dedicação ao casamento, demonstrações de carinho, comunicação, sexualidade, tempo livre, estabelecimento e cumprimento de regras.	Carinho e afeto Satisfação
GRIMS* Rust, Bennun, Crowe, & Golombok	Reino Unido	28	Unidimensional	Avalia satisfação conjugal, considerando os seguintes aspectos do relacionamento: satisfação, comunicação, interesses	Satisfação

(1986)			compartilhados, confiança e respeito.		
EFS-RC** Wachelke, De Andrade, Cruz, Faggiani, & Natividade (2004)	Brasil	9	Satisfação com atração física e sexualidade Satisfação com afinidades de interesses e comportamentos	Avalia satisfação conjugal, definida como avaliação cognitiva positiva do relacionamento, obtida após comparação com outros relacionamentos que possuam características consideradas aceitáveis ou boas.	Atração e sexo
AQUARELA-R** Andrade & Garcia (2012)	Brasil	46	Comprometimento Intimidade Amor Relacionamento sexual Comunicação	Avalia qualidade conjugal com base em um modelo de mensuração sem perspectiva teórica exclusiva. Comprometimento: grau de união, investimento, responsabilidade compartilhada. Intimidade: vivência de felicidade, percepção de disponibilidade e afetividade no relacionamento. Amor: sentimento de amor, confiança no sentimento e percepção de reciprocidade Relacionamento sexual: aspectos da sexualidade, como prazer, criatividade e frequência. Comunicação: diálogo, eficácia da comunicação e expressão dos conflitos.	Compromisso Intimidade Carinho e afeto Atração e sexo

\*Adaptado para o contexto brasileiro

\*\*Instrumento brasileiro

*Nota:* DAS = Dyadic Adjustment Scale; MAT = Marital Adjustment Test; QMI = Quality of Marriage Index; RAS = Relationship Assessment Scale; KMSS = Kansas Marital Satisfaction Scale; RDAS = Revised Dyadic Adjustment Scale; ESC = Escala de Satisfacción Conyugal; GRIMS = Golombok-Rust Inventory of Marital State; EFS-RC = Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Casal; AQUARELA-R = Escala de Avaliação de Qualidade em Relacionamentos Românticos.

Na Tabela 1, observa-se que o número de itens avaliados varia de 3 a 46, 60% dos instrumentos são originários dos Estados Unidos e a metade das escalas analisadas são unidimensionais, avaliando a qualidade conjugal de forma global ou incluindo apenas a dimensão de satisfação. Já nos instrumentos multidimensionais, nota-se que há pouca homogeneidade sobre as dimensões incluídas. As dimensões avaliadas por esses instrumentos são parcialmente correspondentes aos temas identificados nas entrevistas dos casais. Os temas Intimidade e Compromisso aparecem apenas na AQUARELA-R, enquanto que a DAS, a AQUARELA-R e a ESC avaliam dimensões similares ao tema Carinho e afeto (expressão de afeto, amor, e aspectos emocionais). Da mesma forma, o tema Atração e sexo aparece na AQUARELA-R (relacionamento sexual) e na EFS-RC (satisfação com atração física e sexualidade). Finalmente, o tema Satisfação aparece em oito das dez escalas avaliadas, sendo cinco unidimensionais e três multidimensionais.

## Discussão

Este estudo buscou investigar a perspectiva de casais do sul do Brasil sobre a qualidade conjugal, comparando-a com o conteúdo avaliado por um conjunto de instrumentos que se propõe a medir esse construto. Foram identificados cinco temas referentes à qualidade conjugal: Compromisso; Intimidade; Atração e sexo; Carinho e afeto; e Satisfação. Esses temas são parcialmente correspondentes às dimensões avaliadas pelos instrumentos.

Os temas identificados se referem a conceitos bastante estudados na literatura sobre conjugalidade, embora nem sempre incluídos como parte da qualidade do relacionamento. O tema Compromisso é correspondente à dimensão de dedicação pessoal como definida por Stanley e Markman (1992), em que cada parceiro busca melhorar o relacionamento, investindo na relação, abrindo mão de interesses individuais, integrando objetivos pessoais ao relacionamento e buscando o bem-estar do companheiro. Esse aspecto do relacionamento é fundamental, uma vez que promove ações em benefício do casal, e não apenas de um dos parceiros, a partir de uma perspectiva de longo prazo da relação (Stanley, Rhoades, & Whitton, 2010). Essa avaliação do relacionamento considerando um período de tempo estendido pode ter um papel importante na superação de momentos de crise (Stanley et al., 2010; Sternberg, 1986).

De fato, um estudo nacional utilizando a Teoria Triangular do Amor demonstrou que o compromisso tende a ser um fator preponderante em relacionamentos de média e longa duração e está associado à satisfação conjugal, embora a intimidade seja o fator que mais fortemente se correlaciona à satisfação (Rizzon, Mosmann, & Wagner, 2013). A intimidade é apontada por Sternberg como uma variável de natureza emocional central entre os componentes do amor, importante no longo prazo e relativamente estável. Para os participantes deste estudo, a intimidade foi composta não apenas pela proximidade, mas também pela facilitação da comunicação e pela capacidade de prever os comportamentos do outro. A Teoria Triangular do Amor aponta que esse fenômeno é parte da acomodação entre os parceiros e que, com o passar do tempo, a intimidade passa a ser latente, aumentando a proximidade e o vínculo entre os parceiros, embora a manifestação comportamental diminua (Sternberg, 1986).

Assim como a intimidade, o tema carinho e afeto também são de natureza emocional. Embora teoricamente seja menos central em comparação à primeira, a expressão de afeto, preocupação e cuidados com o companheiro podem ter um papel importante na formação do vínculo e construção da intimidade no início do relacionamento. Também é possível que, no decorrer da relação, essas manifestações gradativamente ocupem o espaço deixado pela redução da intimidade manifesta, por meio de demonstrações cotidianas de carinho e cuidado. Esse aspecto parece ser particularmente importante na cultura brasileira, que preza pela maior proximidade nas relações em comparação à cultura americana, por exemplo. Isso fica evidenciado pelo fato de que apenas um instrumento americano, a DAS (Spanier, 1976), apresenta uma dimensão de avaliação da expressão de afeto, sendo que essa dimensão foi retirada da versão revisada do instrumento.

Ainda assim, alguns casais relatam divergir sobre as formas e a intensidade das manifestações de carinho, indicando que outros fatores podem estar associados a este aspecto do relacionamento, como as características individuais dos cônjuges. Além disso, o relato de alguns casais aponta para uma desmistificação do amor romântico, afirmando que apenas o amor não é suficiente para manter o relacionamento. Apesar disso, esses mesmos casais reconhecem a expressão de carinho e afeto como um fator importante para a qualidade do relacionamento.

Já o tema da Atração e sexualidade apareceu de forma mais associada a determinados períodos do relacionamento. A paixão e a valorização da estética remetem principalmente ao período de enamoramento e ao início do relacionamento. Embora esses aspectos se tornem menos importantes no decorrer do tempo, os participantes referem que eles ainda podem estar presentes após vários anos de convivência. O relato dos participantes vai ao encontro de outros estudos nacionais (Rizzon et al., 2013) e da Teoria Triangular do Amor, indicando que a paixão possui um componente psicofisiológico e, por isso, pode iniciar e atingir seu pico de forma acelerada, mas também decai de forma rápida, e eventualmente alcança um nível mais estável (Madey & Rodgers, 2009; Sternberg, 1986). Já o sexo, o desejo, e o contato físico são apontados como presentes e importantes, embora possam ser menos relevantes do que outros aspectos do relacionamento. Essa percepção dos casais é coerente com dados de outros estudos apontando que, em termos de satisfação conjugal, a qualidade das relações sexuais e o clima afetivo entre o casal são mais importantes do que a frequência das

relações sexuais, embora esta última esteja relacionada à satisfação sexual (Schoenfeld, Loving, Pope, Huston, & Stulhofer, 2016).

Por fim, o tema Satisfação pode ser entendido como uma avaliação global do relacionamento, de forma semelhante ao conteúdo avaliado pelas escalas unidimensionais, uma vez que expressa atribuições de valor e satisfação com o relacionamento. A avaliação do relacionamento inclui um critério de preferência e um critério de enaltecimento, geralmente tomando outros relacionamentos como parâmetro (Norton, 1983). Neste estudo, os resultados indicam que os parâmetros de avaliação envolveram a comparação de diferentes momentos no próprio relacionamento, a utilização de outros casais como referência ou “modelo de perfeição” e, ainda, a existência de tranquilidade e equilíbrio na relação. Assim, é possível que esses critérios também estejam sendo considerados nas respostas dadas pelos cônjuges a perguntas que envolvem a avaliação do relacionamento nos instrumentos de autorrelato.

É interessante notar que alguns dos temas identificados neste estudo têm correlatos em outros modelos explicativos do relacionamento, como os modelos baseados na Teoria das Trocas Sociais (Compromisso) e a Teoria do Apego (Intimidade; Carinho e afeto). Esse resultado é coerente com o modelo adotado para a definição da qualidade conjugal neste estudo, já que o *Vulnerability-Stress-Adaptation Model* é resultado da integração desses e outros modelos (Karney & Bradbury, 1995).

No que diz respeito aos instrumentos, chama a atenção o fato de que muitos são unidimensionais, e, portanto, medem apenas uma porção do construto de qualidade conjugal conforme definido neste estudo, a satisfação conjugal. A satisfação, portanto, é o elemento mais consensual entre os componentes do construto, uma vez que também foi avaliada por três instrumentos multidimensionais. As demais dimensões, contudo, não aparecem de forma homogênea nos instrumentos. Muitas vezes, conceitos similares aparecem com nomes diferentes, ao passo que a mesma dimensão por vezes é operacionalizada de forma distinta.

O Carinho e afeto, por exemplo, foi identificado em três escalas. Na DAS, esse tema representa o carinho e a disponibilidade para relações sexuais (Spanier, 1976) e, portanto, agrega dois temas conforme a definição deste estudo. Já na ESC há alguns itens que referem o cuidado em relação ao companheiro, no entanto, alguns desses itens são parte da dimensão de interação, enquanto que a dimensão de aspectos emocionais tem foco mais individual (ex.: a forma como o companheiro se comporta quando está

triste) (Dela Coleta, 1989). Por fim, a AQUARELA-R inclui alguns dos elementos identificados no tema Carinho e afeto, relacionando o amor ao companheirismo, à reciprocidade, ao afeto e ao carinho (Andrade & Garcia, 2012).

É interessante notar que, exceto pela DAS, somente os instrumentos latino-americanos fazem menção aos aspectos afetivos. De forma semelhante, os temas da sexualidade, intimidade, e compromisso foram abordados apenas pelos instrumentos brasileiros, embora algumas questões sobre sexualidade estejam incluídas na dimensão de expressão de afeto da DAS. Dentre os instrumentos brasileiros, a EFS-RC considera alguns dos elementos encontrados no tema Atração e sexualidade, como a estética e o contato físico entre os cônjuges (Wachelke et al., 2004). Já a AQUARELA-R, por se tratar de um instrumento baseado em diferencial semântico, solicita a atribuição de adjetivos a cada um desses três aspectos (relacionamento sexual, intimidade, comprometimento) deixando que o respondente interprete livremente o que cada um significa (Andrade & Garcia, 2012). Esse formato dificulta a comparação com os resultados deste estudo em mais detalhes, embora seja pertinente salientar que este foi o instrumento que mais apresentou correspondências em relação aos temas identificados neste estudo.

Além dos temas não contemplados nos instrumentos, também houve dimensões avaliadas pelas escalas que não apresentaram correspondência com os temas que foram identificados nas entrevistas e compuseram a qualidade conjugal neste estudo. Essas dimensões foram a coesão e o consenso, na DAS e RDAS, a interação conjugal e os aspectos estruturais, na ESC, e a comunicação, na AQUARELA-R. À primeira vista, a definição de coesão parece coerente com o tema Intimidade, na medida em que avalia o grau de compartilhamento emocional do casal. No entanto, o exame dos itens da DAS e da RDAS demonstra que o conteúdo avaliado se refere ao engajamento do casal em atividades, à troca de ideias, rir juntos, discutir calmamente algum assunto e trabalhar em projetos conjuntos (Busby et al., 1995; Spanier, 1976). Esses conteúdos, assim como o consenso, a interação conjugal e a comunicação dizem respeito aos processos adaptativos de acordo com os critérios utilizados neste estudo, e não à qualidade conjugal. Dessa forma, os instrumentos que avaliam esses temas são inadequados para utilização em pesquisas que buscam investigar associações entre a qualidade conjugal e os processos adaptativos, pois a sobreposição entre os temas pode inflar os resultados (Norton, 1983). Os aspectos estruturais, por sua vez, embora considerem a perspectiva

do parceiro, avaliam conteúdos que dizem respeito ao indivíduo, como o tempo que o companheiro dedica a si mesmo e a forma como passa o tempo livre (Dela Coleta, 1989). Na perspectiva adotada neste estudo, esses conteúdos pertencem ao âmbito da individualidade, embora possam exercer influência sobre a qualidade conjugal.

A análise das semelhanças e diferenças entre as temáticas identificadas neste estudo também demonstra particularidades relacionadas ao país de origem dos instrumentos. De um lado, alguns dos temas são abordados apenas por instrumentos brasileiros ou latino-americanos, enquanto que, por outro lado, há algumas semelhanças entre os temas oriundos das entrevistas e as escalas americanas. Assim, há uma correspondência parcial entre o que os pesquisadores americanos consideram como qualidade conjugal e o que os entrevistados reportaram neste estudo. Esse resultado é amparado por outras pesquisas que compararam a satisfação conjugal brasileira com outras culturas, demonstrando que a conjugalidade possui certos aspectos universais, como a sexualidade (Barbosa, 2008; Heiman, Long, Smith, Fisher, Sand & Rosen, 2011).

Apesar de a sexualidade ser considerada um aspecto universal, esse tema só foi abordado diretamente pelos instrumentos latino-americanos, o que pode demonstrar uma maior ênfase nesse aspecto pela cultura latina. No entanto, isso também pode indicar uma diferença na abordagem da sexualidade, já que na literatura americana há diversos instrumentos específicos que avaliam satisfação sexual e a associam a diversos aspectos do relacionamento (Gadassi et al., 2016; Hernandez, Mahoney, & Pargament, 2011).

Além disso, conforme discutido anteriormente, observou-se que conteúdos referentes ao tema carinho e afeto foram incluídos apenas nos instrumentos latino-americanos. Ainda assim, os casais deram menor ênfase a esse tema em comparação ao Compromisso. Percebe-se que o carinho e o afeto são aspectos importantes para os brasileiros, todavia, a união familiar parece ter um peso maior do que a união do casal.

### **Considerações finais**

O presente estudo buscou compreender mais sobre o que casais entendem sobre qualidade conjugal, em uma amostra do sul do país, e verificar se as medidas de qualidade conjugal correspondem à perspectiva dessa amostra sobre o construto.

Destaca-se dois grandes âmbitos de pesquisas futuras: o desenvolvimento de instrumentos próprios para a população brasileira; e a ampliação de estudos sobre a conjugalidade para brasileiros, visto que, embora os dados sejam similares e em conformidade com as teorias americanas, percebe-se diferenças que podem ser exploradas em futuras pesquisas.

Este estudo possui algumas limitações. Primeiramente, a pesquisa foi realizada apenas com casais dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Seria importante que mais pesquisas em outros estados pudessem agregar ao entendimento sobre a qualidade conjugal para a compreensão da realidade brasileira. Além disso, a amostra foi formada por cônjuges de classe média e escolaridade correspondente ao ensino médio e ensino superior, o que limita interpretação dos dados a essa população. Por fim, é importante destacar que os instrumentos analisados constituem um recorte de uma grande variedade de instrumentos disponíveis na literatura internacional. Priorizou-se os instrumentos mais utilizados nos últimos anos, porém, a ampliação do escopo de instrumentos analisados poderia revelar um cenário diferente sobre as dimensões incluídas no construto de qualidade conjugal.

A pesquisa sobre conjugalidade no Brasil ainda é recente, e por isso, sugere-se que estudos futuros abordem as lacunas relatadas neste artigo. Ainda, espera-se que estes resultados contribuam para uma melhor definição do conceito de qualidade conjugal e para a orientação de pesquisadores e clínicos quanto a abrangência dos instrumentos que avaliam o construto.

### Referências

- Andrade, A. L., & Garcia, A. (2012). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos - Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 634-643. doi: 10.1590/S0102-79722012000400002
- Barbosa, D. R. (2008). *Império do amor romântico: Diferenças culturais e sexuais em casais de noivos no Brasil e na Itália*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa

- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the Dyadic Adjustment Scale for use with distressed and nondistressed couples: construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy, 21*(3), 289-308. doi: 10.1111/j.1752-0606.1995.tb00163.x
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala. *Psico, 18*, 90 – 112.
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. Marital quality assessment: reviewing the concept, instruments, and methods. Manuscript in preparation.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz-Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia, 20*(46), 269-278.
- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In: Féres-Carneiro, T. (Org.), *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 83-107.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: a confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin, 26*(3), 340-354. doi: 10.1177/0146167200265007
- Fowers, B. J., & Owenz, M. B. (2010). A Eudaimonic theory of marital quality. *Journal of Family Theory & Review, 2*, 334-352. doi: 10.1111/j.1756-2589.2010.00065.x
- Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing precision with measurement for relationship satisfaction with Couples Satisfaction Index. *Journal of Family Psychology, 21*(4), 572-583. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.572
- Gadassi, R., Bar-Nahum, L. E., Newhouse, S., Anderson, R., Heiman, J. R., Rafaeli, E., & Janssen, E. (2016). Perceived partner responsiveness mediates the association between sexual and marital satisfaction: a daily diary study in newlywed couples. *Archives of Sexual Behavior, 45*, 109-120. doi: 10.1007/s10508-014-0448-2
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica, 28*(1), 161-182. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/2910/291045794009/>
- Heiman, J. R., Long, J. S., Smith, S. N., Fisher, W. A., Sand, M. S., & Rosen, R. C.

- (2011). Sexual satisfaction and relationship happiness in midlife and older couples in five countries. *Archives of sexual behavior*, 40(4), 741-753.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 50(1), 93-98. doi: 10.2307/352430
- Hernandez, K. M., Mahoney, A., & Pargament, K. I. (2011). Sanctification of sexuality: implications for newlyweds' marital and sexual quality. *Journal of Family Psychology*, 25(5), 775-780. doi: 10.1037/a0025103
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: a review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin*, 118(1), 3-34. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.3
- Knapp, S. J., & Holman, T. B. (2010). Introducing a special issue: On the need to theorize marital quality. *Journal of Family Theory & Review*, 2, 221-226. doi: 10.1111/j.1756-2589.2010.00058.x
- Knapp, S. J., & Lott, B. (2010). Forming the central framework for a science of marital quality: An interpretive alternative to marital satisfaction as a proxy for marital quality. *Journal of Family & Theory Review*, 2, 316-333. doi: 10.1111/j.1756-2589.2010.00064.x
- Locke, H. J., & Wallace, K. M. (1959). Short marital adjustment and prediction tests: their reliability and validity. *Marriage and Family Living*, 21, 251-255. doi: 10.2307/348022
- Madey, S. F., & Rodgers, L. (2009). The effect of attachment and Sternberg's triangular theory of love on relationship satisfaction. *Individual Differences Research*, 7(2), 76-84. Retrieved from: <http://psycnet.apa.org/record/2009-11953-002>
- Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 37-49. doi: 10.15348/1980-6906/psicologia.v17n1p37-49
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325. doi: 10.1590/S0103-863X2006000300003
- Norton, R. (1983). Measuring marital quality: a critical look at the dependent variable. *Journal of Marriage and the Family*, 45(1), 141-151. doi: 10.2307/351302
- Pick de Weiss, S., & Andrade Palos, P. (1988). Desarrollo y validacion de la escala de satisfaccion marital. *Psiquiatria*, 1, 9-20.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os

- elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-49. doi: 10.4013/ctc.2013.61.05
- Røsand, G. B., Slinning, K., Røysamb, E., & Tambs, K. (2014). Relationship dissatisfaction and other risk factors for future relationship dissolution: A population-based study of 18,523 couples. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 49(1), 109-119. doi: 10.1007/s00127-013-0681-3
- Røysamb, E., Vittersø, J., & Tambs, K. (2014). The Relationship Satisfaction Scale – psychometric properties. *Norsk Epidemiologi*, 24, 187 – 194. doi: 10.5324/nje.v24i1-2.1821
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1986). The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). *Sexual and Relationship Therapy*, 25, 48 – 53. doi: 10.1080/14681990903550183
- Schoenfeld, E. A., Loving, T. J., Pope, M. T., Huston, T. L., & Stulhofer, A. (2016). Does sex really matter? Examining the connections between spouses’ nonsexual behaviors, sexual frequency, sexual satisfaction, and marital satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 46(2). doi: 10.1007/s10508-015-0672-4
- Schumm, W. R., Paff-Bergen, L. A., Hatch, R. C., Obiorah, F. C., Copeland, J. M., Meens, L. D., & Bugaighis, M. A. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas Marital Satisfaction Scale. *Journal of Marriage and the Family*, 48(2), 381-387. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/352405>
- Silva, I. S., & Frizzo, G. B. (2014). Ter ou não ter? Uma revisão da literatura sobre casais sem filhos por opção. *Pensando Famílias*, 18(2), 48-61. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a05.pdf>
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: new scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28. doi: 10.2307/350547
- Spanier, G. B., & Cole, C. L. (1976). Toward clarification and investigation of marital adjustment. *Journal of Sociology of the Family*, 6(1), 121-146. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/23027977>
- Stanley, S. M., & Markman, H. J. (1992). Assessing commitment in personal relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 54(3), 595-608. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/353245>
- Stanley, S. M., Rhoades, G. K., & Whitton, S. W. (2010). Commitment: Functions,

- formation, and the securing of romantic attachment. *Journal of Family Theory & Review*, 2(4), 243-257. doi: 10.1111/j.1756-2589.2010.00060.x
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. doi: 10.1037/0033-295X.93.2.119
- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18. doi: 10.1590/S1413-82712004000100003
- Yeh, H. C., Lorenz, F. O., Wickrama, K. A. S., Conger, R. D., & Elder Jr., G. H. (2006). Relationships among sexual satisfaction, marital quality, and marital instability at midlife. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 339-343. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.339
- Zordan, E. P., & Wagner, A. (2009). Projetos vitais de adultos jovens solteiros: uma reflexão sobre o lugar do casamento. *Contextos Clínicos*, 2(2), 91-96.

## CAPÍTULO IV – Artigo III

### MANIFESTAÇÕES DO ESTILO DE APEGO NA QUALIDADE CONJUGAL

#### Resumo

A qualidade conjugal é um construto que vem sendo estudado desde diferentes perspectivas. A influência das variáveis individuais, como o estilo de apego, tem ganhado destaque nos estudos, focando a bidirecionalidade implicada nos relacionamentos conjugais. O presente estudo buscou identificar e discutir sobre as manifestações do estilo de apego do indivíduo na qualidade conjugal. Para tanto, foi realizado um estudo de casos múltiplos com 3 casais-tipo, selecionados com as escalas ECR-R, para aferir o estilo de apego seguro, inseguro-ansioso e inseguro-evitativo, e RDAS-P, para medir o ajustamento conjugal destes. Os resultados sugerem que indivíduos com apego seguro tendem a ter relacionamentos de maior qualidade. A díade com estilo de apego inseguro-evitativo demonstrou níveis de qualidade conjugal médios. O menor nível de qualidade conjugal foi encontrado na díade com estilo de apego inseguro-ansioso.

**Palavras-chave:** estilo de apego, apego, qualidade conjugal, relacionamento.

#### Abstract

Marital quality is a construct that has been being studied by different perspectives. The influence of the individual variables, such as attachment style, has gained prominence in the studies, focusing in the bidirectionality implicated in marital relationships. The present studied aimed identify and discuss about the manifestations of individual attachment style in marital quality. Therefore, a multiple case study with 3 type-couples was carried out, selected by the scales ECR-R, to measure secure, avoidant-insecure and anxious-insecure attachment styles, and RDAS-P, to measure marital adjustment of the couples. Results suggest that individuals with secure attachment tend to have relationships with higher quality. The dyad with avoidant-insecure attachment style showed medium levels of marital quality. The lowest level of marital quality was founded in the dyad with anxious-insecure attachment style.

**Keywords:** attachment style; attachment; marital quality; relationship

## Introdução

“Por que as pessoas se casam? O que faz com que elas continuem juntas?” Essas perguntas têm inquietado diversas pessoas ao longo dos anos. Pesquisadores há décadas têm se empenhado em responder essas questões, principalmente, tentando diferenciar o que torna um casal feliz e outro infeliz (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2010). Embora que as pessoas queiram ficar juntas, por vezes, algo atrapalha essa união e a evolução desse relacionamento. O declínio da satisfação conjugal gera desgaste, o que pode culminar em divórcio (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006). Mas o que pode influenciar na qualidade dessas relações?

A qualidade conjugal é um construto multideterminado, havendo diferentes variáveis que podem influenciá-lo (Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro, 2006), como a saúde física e psicológica dos indivíduos (Kouros e Cummings, 2011; Davila & Karney, 2003; Villeneuve et al., 2014; Whisman, Dementyeva, Baucom & Bulik, 2012), com destaque para o papel bidirecional da ansiedade, depressão e outras psicopatologias na percepção da qualidade do relacionamento pelos cônjuges. Doenças fisiológicas também aparecem em algumas pesquisas, como a de Liu e Waite (2014), sobre a relação de entre qualidade conjugal e risco de doença cardiovascular. Esses estudos ampliam a importância da qualidade conjugal vivenciada pelos casais, pois torna-se evidente a reverberação desta vivência na vida das pessoas.

Quando os estudos sobre casais iniciaram, o foco das pesquisas era nos indivíduos casados. As metodologias utilizadas contemplavam a análise individual de cada cônjuge, mas falhavam em avaliar de maneira global os relacionamentos (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2010). Essa tendência foi aos poucos sendo substituída para uma perspectiva diádica, onde um indivíduo casado não existe sem aquele com quem contratou matrimônio e, portanto, não pode ser o objeto de pesquisa quando o objetivo é analisar a qualidade conjugal. Na concepção da teoria sistêmica, o subsistema conjugal tem reciprocidade entre seus membros, fazendo que uma ação de um dos indivíduos repercute no relacionamento e no outro indivíduo (Gomes, Bolze, Bueno & Crepaldi, 2014). Várias características e fatores individuais se entrelaçam com a conjugalidade em uma perspectiva bidirecional e interacional. Para além da patologia, o estilo de apego é uma variável individual que se destaca em diversos estudos com casais (Hwang,

Johnston, & Smith, 2007; Loubat, Ponce & Salas, 2007; Mohr, Selterman & Fassinger, 2013; Schereen, Delatorre, Neumann & Wagner, 2015; Khalifian & Barry, 2016).

A Teoria do Apego foi inicialmente desenvolvida por John Bowlby (1969; 1982), quando o autor explorou a importância da interação materna, a primeira figura de apego, nos anos iniciais da vida. Um conjunto de comportamentos, emoções e cognições foi chamado de Sistema de Apego do indivíduo. Bowlby postulou que este sistema se desenvolve e é internalizado ainda enquanto o sujeito é um bebê e tem a tendência a permanecer estável ao longo da vida, nos mais diversos relacionamentos que o indivíduo venha a ter com as mais diferentes pessoas.

A ideia de constância do estilo de apego gerou uma série de pesquisas sobre a sua influência na vida adulta. Um dos estudos pioneiros para entender a relação do apego na vida afetiva foi realizado por Hazan e Shaver (1987). Os autores criaram o primeiro instrumento para avaliar o apego do adulto e sua implicação com o parceiro. A partir daí inúmeros instrumentos surgiram, buscando avaliar diferentes impactos dos estilos de apego na vida e nas relações do sujeito. Hazan e Shaver caracterizaram o apego adulto em três estilos: apego seguro, quando o indivíduo possui boa vinculação com seus pares, se envolvendo e se separando quando necessário; apego inseguro-ansioso, quando o indivíduo não se sente tão amado quanto o amor que despende, muitas vezes, sufocando ou afastando aqueles com quem se vincula; e apego inseguro-evitativo, quando a vinculação e proximidade com o outro causa desconforto, gerando problemas de confiança e distanciamento (Hazan & Shaver, 1987; Natividade & Shiramizu, 2015).

Na literatura, os estilos de apego são descritos conforme a maneira como os cônjuges sentem a si mesmos e, dessa forma, também se vinculam a seus pares. Indivíduos de estilo de apego seguro possuem boa auto-confiança e resiliência, o que gera maior interação cooperativa com seus cônjuges (Gallagher et al, 2017) e faz com que se sintam mais confortáveis em expressar suas emoções (Searle & Meara, 1999). Indivíduos de apego inseguro-ansioso, por sua vez, buscam excessiva proximidade com o cônjuge em razão de preocupação com a rejeição e o abandono (Gallagher et al, 2017). Já os indivíduos de apego inseguro-evitativo tendem a se isolar em momentos de estresse e expressar menos afeto (Searle & Meara, 1999).

As pesquisas sobre o apego do indivíduo adulto costumam ser relacionadas a diferentes aspectos da qualidade conjugal e do relacionamento em sua totalidade, como

intimidade e confiança (Khalifian & Barry, 2016), infidelidade (DeWall et al, 2011) e satisfação e vínculo pós-relação sexual (Kruger & Hughes, 2010). Embora essas pesquisas não estejam diretamente vinculadas à qualidade que um casal vivencia em seu relacionamento, as características estudadas influenciam no funcionamento da dinâmica do casamento e, portanto, mediam indiretamente a qualidade conjugal. Apesar da grande quantidade de estudos internacionais sobre o apego, há carência de pesquisas abrangendo essa temática no Brasil, em contraste com sua utilidade para a prática clínica e para o desenvolvimento de estratégias de resolução de conflitos, como evidenciado em estudo de Scheeren, Delatorre, Neumann e Wagner (2015).

O que se observa com a revisão da literatura é que o apego não ganha destaque nas pesquisas sobre casal, vindo a ser estudado como um mediador de outras instâncias do relacionamento e não sendo o foco das análises. Frente a tais evidências, surge a questão: de que forma o estilo do apego do indivíduo influencia na qualidade do seu relacionamento? O presente artigo tem o objetivo de identificar e discutir sobre as implicações do estilo de apego do indivíduo no relacionamento conjugal, a partir de casos-tipo. Para tanto, foi realizado um estudo de caso múltiplo (Stake, 2006) com casais-tipo, utilizando as variáveis estilo de apego e qualidade conjugal.

### **Método**

A pesquisa foi realizada com casais que residiam juntos, em relacionamento estável ou casados há, no mínimo, 6 meses e maiores de 18 anos. Esses casais foram acessados por conveniência, a partir de indicação de rede de contatos. Após concordarem em participar da pesquisa, os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Foram entrevistados 17 casais em diferentes fases do ciclo vital e níveis socioeconômicos e culturais, verificado através de questionário sociodemográfico. Além disso, foi solicitado que, individualmente, cada cônjuge respondesse às escalas RDAS-P (sobre ajustamento conjugal) e ECR-R-Brasil (sobre estilo de apego). Foi realizado o levantamento dos escores das escalas e, desses casais iniciais, 3 foram selecionados para compor este estudo, devido ao fato de combinarem semelhantes estilos de apego. São eles: Casal (1) ambos com Estilo de Apego Seguro; Casal (2) ambos com Estilo de Apego Inseguro-Evitativo e Casal (3) ambos com Estilo de Apego Inseguro-Ansioso. Esta escolha se deu em função de poder aprofundar como

o estilo de ambos cônjuges se expressa no cotidiano que vivenciam, especialmente, no que se refere a dinâmica de relacionamento e seus níveis de qualidade conjugal.

A entrevista, de caráter exploratório, teve por objetivo conhecer sobre a conjugalidade dos participantes. As perguntas eram semiestruturadas e contemplaram tanto a qualidade conjugal (“*Em que momentos do relacionamento vocês foram mais felizes?*”), quanto a dinâmica do apego (“*Como é quando vocês precisam estar longe um do outro?*”). Após a realização da entrevista, foram aplicados os seguintes instrumentos para verificar o tipo de apego e o ajustamento conjugal.

A escala *Experience in Close Relationship* – Reduzida (ECR-R-Brasil; Wei, Russell, Mallinckrodt & Vogel, 2007; adaptada para o português brasileiro por Natividade & Shiramizu, 2015) foi escolhida para aferir o estilo de apego do indivíduo. A ECR-R é um questionário em forma de escala Likert de 7 pontos que avalia duas dimensões: apego inseguro-evitativo e inseguro-ansioso, medidos através de 5 itens cada, totalizando 10 itens. É um instrumento de autorrelato que afere o apego adulto no relacionamento atual. A pontuação da escala mede o quanto o indivíduo é mais ou menos inseguro para cada estilo de apego. Pontuações mais baixas nos escores se associam ao estilo de apego seguro.

Para avaliar o ajustamento conjugal dos casais entrevistados foi utilizada a escala *Revised Dyadic Adjustment Scale* (RDAS-P; Busby, Christensen, Crane & Larson, 1995; adaptado para o Brasil por Hollist et al., 2012). É um instrumento de autorrelato composto por uma escala Likert de 6 pontos, contendo 14 itens que avaliam três dimensões: consenso, satisfação e coesão. A pontuação desta escala classifica os indivíduos entre alto e baixo ajustamento conjugal, sendo considerado que indivíduos com médio ajustamento conjugal estariam próximos à divisão entre os escores altos e baixos, sendo esta divisão aos 48 pontos.

Após a coleta de dados, foi realizada uma análise temática das entrevistas (Braun & Clarke, 2006) através do software NVivo e realizado o levantamento quantitativo das escalas. Tendo o resultado dessa análise, se procedeu a realização de estudo de casos múltiplos formado pelos casais-tipo já mencionados. Os casais foram analisados verticalmente, ou seja, foi realizada uma análise de cada díade inicialmente, e depois seguiu-se a análise horizontal, ou seja, a análise dos três casos de maneira integrativa, buscando diferenças e semelhanças entre eles (Stake, 2006).

## **Resultados e Discussão**

A análise temática identificou dois temas nas entrevistas, sendo um deles composto de duas subcategorias. O primeiro tema, nomeado “Dinâmica do Casal”, corresponde à forma como o casal expressa seu vínculo afetivo nos momentos em que manifesta carinho e quando estão distantes um do outro. Possui duas subcategorias: “Demonstração de Afeto” e “Ausência do Cônjuge”. O segundo tema foi nomeado “Qualidade Conjugal”, e corresponde à percepção dos cônjuges sobre os momentos mais e menos felizes do relacionamento.

O tema Dinâmica do Casal, reuniu as falas dos cônjuges sobre a maneira como manifestam seu vínculo afetivo em os momentos de proximidade e distanciamento do casal.

A subcategoria Demonstração de Afeto reuniu as falas dos cônjuges sobre as diversas maneiras como manifestam seus sentimentos e carinho um pelo outro. Estão também presentes as dificuldades que encontram nessa tarefa e as similaridades e diferenças de demonstração de afeto de cada um para com o outro.

A subcategoria Ausência do Cônjuge reuniu as falas dos parceiros sobre os momentos em que é necessário estar longe do outro. Os entrevistados apontaram os sentimentos que surgem com a ausência, o bem-estar e mal-estar relacionados ao distanciamento e como lidam com esses momentos.

O tema Qualidade Conjugal reuniu as falas do casal sobre os momentos em que foram mais felizes com o relacionamento, os momentos em que não se sentiram felizes a dois e o que ambos consideram como boa qualidade conjugal.

### *Análise Vertical*

#### *Casal (1) estilo de apego seguro*

Este casal heterossexual é composto pelo marido de 47 anos, ensino superior completo, e esposa de 55 anos, pós-graduada. São casados oficialmente e estão juntos há 14 anos. Não possuem filhos juntos, mas cada um tem filhos de outro relacionamento. Os filhos não residem mais com o casal. Ambos reportaram estilo de

apego seguro na escala ECR-R (Esposa=2,6 inseguro-ansioso, 1,0 inseguro-evitativo; Marido=3,2 inseguro-ansioso, 1,6 inseguro-evitativo).

A dinâmica do casal com estilo de apego seguro se expressa com uma vinculação afetuosa, de confiança e amigável com o parceiro (Natividade & Shiramizu, 2015). A ausência do cônjuge provoca saudades no outro, mas é possível administrar a distância e desfrutar da presença.

*“Esposa: Às vezes eu vou pra Porto Alegre e ele não vai comigo, não pode ir por trabalho (...) Aí a gente sente muita falta, sabe? Convive muito, então... estranha”.*

*“Marido: É, a gente sente [falta do outro]. Não é aquela coisa melosa...”.*

Quanto à demonstração de afeto, este casal refere expressar o carinho que sentem um pelo outro. Utilizam de bilhetes, ligações telefônicas e do toque físico para manifestar seu sentimento, sem chegar a sufocar a liberdade do outro.

*“Esposa: Ah, já achei bilhetes... Em Porto Alegre, fui pegar a minha mala, tinha um bilhete dele dentro da mala e eu ah..., eu não tinha visto...”*

*Marido: Isso são coisas assim ó, eu gosto de fazer e é coisa que ela também gosta (...). Não é coisa assim de casal de margarina, sabe? Não é isso mesmo (...). Você é,... naturalmente”.*

*“Marido: Isso são coisas assim ó, eu gosto de fazer e é coisas que ela também gosta (...) o ligar, ou outra coisa, um cuidado... tudo. Mas é carinho também”.*

Quanto à qualidade conjugal que vivenciam, o RDAS revelou que ambos reportaram níveis altos de ajustamento conjugal (Esposa=58; Marido=62). Isso se percebe no relato dos cônjuges, quando questionados sobre os momentos menos felizes do seu casamento, e não identificaram nenhum:

*“Marido: Não pela gente, assim, mas por fatores externos, talvez (...) Mas não, assim, que afetou o momento feliz. Nunca tivemos (momentos menos felizes), né?”*

*Esposa: Eu também não consigo ver isso”.*

*Casal (2) estilo de apego inseguro-evitativo*

Este casal heterossexual é composto pelo marido de 42 anos, ensino superior completo, e pela esposa de 43 anos, ensino superior completo. São casados oficialmente e estão juntos há 15 anos. Possuem um filho em idade escolar. Ambos possuem estilo de apego inseguro-evitativo segundo escore da ECR-R (Esposa=3,6 inseguro-ansioso, 2,2 inseguro-evitativo; Marido=3,2 inseguro-ansioso, 2,8 inseguro-evitativo).

A dinâmica do casal inseguro-evitativo se expressa numa dinâmica de relacionamento marcada por uma vinculação insegura entre os cônjuges, que tendem a ter maior afastamento, devido ao incômodo causado pela proximidade física e emocional com o parceiro (Natividade & Shiramizu, 2015). Tanto o marido quanto a esposa ilustram esse distanciamento em sua fala, não demonstrando incômodo com a ausência do cônjuge e sentindo desconforto com as demonstrações de afeto:

*“Marido: Assim, que nós ficamos (longe um do outro) foi uns 2, 3 dias, que a V. ia viajar pra fora, mas é bem pouco. Não dá saudade 2, 3 dias”.*

*“Esposa: Então eu sou muito fechada, assim, eu não gosto que me abracem, que me toquem. As vezes ele vem me abraçar, assim, ai,... sai!..., eu brigo”.*

Relatam, todavia, que há demonstração de afeto por brincadeiras no dia a dia, conversando e estando presente:

*“Esposa: Mas tem outras formas de demonstrar (afeto), (...) Ta presente... Se preocupando... Sempre conversando...”.*

*“Marido: É, rir, é contar uma piada, porque..., é difícil eu ta triste. To sempre rindo”.*

Quanto à qualidade conjugal que vivenciam, o RDAS revelou que ambos reportaram níveis médios de ajustamento conjugal (Esposa=49; Marido=54). Quando questionados sobre o que definiria um relacionamento de boa qualidade, a esposa destacou o papel da religião e da família no casamento:

*“Esposa: Tem também eu acho que conhecer a Palavra. que ta na bíblia, a Palavra de Deus, também. A gente já fez estudo bíblico, onde fala sobre família, casamento... Isso aí também fortalece muito uma união, né”.*

As convicções religiosas e a importância da família parecem ser temas centrais para ambos. É possível pensar que o casal pontuou média qualidade conjugal porque, apesar de haver distanciamento físico e emocional entre eles, o relacionamento está

regido por valores religiosos, que, de certa forma garantem a sensação de estabilidade conjugal e união familiar. Quando questionados sobre os momentos em que foram mais felizes, relatam sobre a chegada do filho:

*“Marido: (Momento) mais feliz foi quando o D. chegou”.*

### *Casal (3) estilo de apego inseguro-ansioso*

Este casal heterossexual é composto pelo marido de 49 anos, ensino médio completo, e pela esposa de 43 anos, ensino médio completo. Não são casados oficialmente e estão juntos há 26 anos. Possuem filhos adultos que não mais residem com o casal. Ambos possuem estilo de apego inseguro-ansioso segundo escore da ECR-R (Esposa=4,6 inseguro-ansioso, 1,2 inseguro-evitativo; Marido=4,6 inseguro-ansioso, 2,0 inseguro-evitativo).

Na dinâmica de interação deste casal se revelam indicadores de uma vinculação insegura entre os pares e maior necessidade de união e manifestações de reciprocidade do parceiro (Natividade & Shiramizu, 2015). A ausência do cônjuge causa sofrimento e ansiedade frente a separação. Isso se percebe no relato da esposa, quando ela conta de sua reação quando o marido precisou realizar uma viagem sem ela, e do marido, quando relata momentos que precisa se afastar da esposa:

*“Esposa: Foi a primeira vez que eu sabia que ele ia ficar, é, acho que ia ficar uma semana (...). Cara, eu entrei em desespero”.*

*“Marido: Eu sinto falta. Eu. Não sei a parte dela... Eu sinto bastante falta quando eu to aqui sozinho, pensar que pode ser que eu não demonstre muito, mas eu sinto falta”.*

O carinho, muitas vezes, é expressado pela preocupação com o bem-estar do outro, aparecendo ansiedade no trato e fronteiras difusas entre o casal:

*“Esposa: Eu me preocupo muito com ele, com a alimentação dele, com a saúde dele. Eu mudei meus hábitos alimentares por conta dele, porque ele ta com pressão alta e mais umas coisas, então, eu sou muito do sal, eu gosto de uma coisa mais salgada, eu mudei muito por causa dele. Eu me preocupo muito com ele”.*

O casal já pensou algumas vezes na separação, devido à baixa qualidade conjugal que vivenciam, porém seguem juntos. A esposa atribui à sabedoria o fato de

não terem separado até então, o que sugestiona que racionalmente não seria uma alternativa:

*“Esposa: ele já teve aquela dúvida, e eu já tive também. Será que eu gosto dele? Será que eu quero continuar com ele? Já teve momentos, respondo por ele porque eu tenho certeza disso, que ele disse, eu não gosto mais dela. Eu não gosto mais dele. Eu acho que eu não quero mais ficar casada com o P. (...) E depois, tu vê, mas peraí, por que? O que ta acontecendo? E aonde (referindo-se a essa situação) eu tive sabedoria”.*

*“Marido: Eu acho que se naquela época nós tivéssemos nos separado, eu acho que hoje eu estaria arrependido. Meu modo de pensar, eu acho que sim, eu estaria arrependido. Acho que não estaria tão bom. Eu não estaria tão bem com uma outra pessoa, pode ser que aconteça, do que eu to com ela agora”.*

Esta díade vive uma dinâmica constante de distanciamento-reaproximação. Isso é observado pelos relatos da esposa, que não consegue imaginar sua vida sem o companheiro, e também do marido, que aponta a dificuldade em ficar sozinho quando é necessário a ausência de um ou de outro:

*“Esposa: e aí eu comecei a pensar, daí como é que eu vou fazer, se isso acontecer, se ele sofrer um acidente, ou se fizerem alguma coisa, eu não vou conseguir viver aqui dentro dessa casa sem ele”.*

*“Marido: Eu sinto falta. Eu. Não sei a parte dela... E eu sinto bastante falta quando eu to aqui sozinho, pensar que pode ser que eu não demonstre muito, mas eu sinto falta. Quando chega a noite eu gostaria que ela estivesse aqui”.*

Quanto à qualidade conjugal, o RDAS revelou que ambos reportaram níveis baixos de ajustamento conjugal (Esposa=40; Marido=46). Isso não se reflete nem na fala do marido, que identificava estar vivendo o melhor momento conjugal à época da entrevista, nem na da esposa, que relatou o relacionamento como “tranquilo”:

*“Marido: Pra mim (o momento mais feliz é) agora. Acho que, quando nós éramos mais novos rolava mais ciúme bobo, assim, por nada. Aí depois a gente vai amadurecendo, vai vendo que não é nada daquilo (...) As brigas vão cada vez se distanciando mais”.*

*“Esposa: Depois de tudo, de bom, de ruim, de bom, de ruim, hoje eu considero (o relacionamento como) calmo, tranquilo”.*

### *Análise Horizontal dos Casos*

Nos casais estudados, nota-se que a alta qualidade conjugal aparece como resultado de uma vinculação segura entre os pares. Na literatura, o estilo de apego seguro é amplamente associado com relacionamentos mais felizes e duradouros (Hwang, Johnston & Smith, 2007; Loubat, Ponce & Salas, 2007; Simons, Simons, Landor, Bryant & Beach, 2014). Isso se salienta pelo fato de que não foram encontradas díades com apego seguro e baixa qualidade conjugal na realização deste estudo. É possível pensar, portanto, que o estilo de apego seguro é facilitador de bons níveis de qualidade conjugal.

As pesquisas apontam que o apego inseguro-evitativo está associado com indivíduos que percebem menor satisfação com o relacionamento (Kruger & Hughes, 2010; Nosko, Tieu, Lawford & Pratt, 2011; Gere, MacDonald, Joel, Spielmann & Impett, 2013; Mohr, Selterman & Fassinger, 2013). Todavia, Scheeren, Vieira, Goulart e Wagner (2014) apontaram que a utilização de estratégias positivas de resolução de conflito, mesmo por casais com cônjuge de apego inseguro-evitativo, tende a apontar maior qualidade conjugal. Há de se pensar, por essa perspectiva, que cônjuges de apego seguro tem maior facilidade em adotar esse tipo de estratégia, o que poderia estar facilitando a vivência de melhores níveis de qualidade conjugal por essas díades.

Norgren et al. (2004) destacaram que podem haver diversas razões para os indivíduos permanecerem casados por um longo tempo, como a religião e a vontade de manter a união familiar. Isso corrobora o porquê de os indivíduos serem pouco próximos afetuosamente, no caso de casais com estilo de apego inseguro-evitativo, mas ao mesmo tempo manterem uma união de muitos anos.

Da mesma forma que o apego inseguro-evitativo, o apego inseguro-ansioso se associa com menores níveis de qualidade conjugal. Porém, diferenciam-se um do outro pelo fato de os indivíduos de apego inseguro-ansioso terem a percepção de experienciar mais eventos positivos com o relacionamento (Nosko et al., 2011), maior desejo de compromisso (Kruger & Hughes, 2010), maior dificuldade em encaminhar os conflitos conjugais de maneira construtiva (Scheeren, Delatorre, Neumann & Wagner, 2015),

entre outros aspectos que apontam o estilo de apego inseguro-evitativo com certa aversão à união e proximidade física e emocional, enquanto o apego inseguro-ansioso tende a supervalorizar a união e necessitar constantemente assegurar o vínculo.

Percebe-se na díade com estilo de apego inseguro-ansioso que o relato do casal sobre a insegurança no relacionamento despertava lembranças positivas (como quando escolheram permanecer juntos na época que pensaram em separar-se) todavia, para fins de responder o questionário de autorrelato, suas percepções da qualidade conjugal foram baixas. Assim como apontado por Nosko et al. (2011), a percepção desses indivíduos do próprio relacionamento pode ser mais positiva do que realmente é. Essa ambivalência se nota, inclusive, pelos relatos de momentos de forte união do casal (como quando a esposa relatou entrar em desespero na ausência do marido) e também momentos em que o casal não parece ter uma ligação forte (como quando pensaram na separação). Todavia, se trata, também, de um casal que está junto desde a adolescência e passou por diversas situações no relacionamento. A ansiedade de separação parece estar contribuindo para a manutenção do casamento por longos anos, mesmo com baixos níveis de qualidade conjugal.

### **Considerações finais**

Este estudo auxiliou no entendimento da dinâmica do apego na qualidade conjugal, elucidando casos nos quais ambos cônjuges possuíam o mesmo estilo de apego e percepção da qualidade conjugal que vivenciavam. Seu principal objetivo foi a compreensão do fenômeno, de modo a entender em profundidade a relação de duas importantes variáveis da vida conjugal através do estudo do estudo de caso múltiplo dos casais-tipo.

Uma das limitações importantes a serem consideradas neste estudo é a homogeneidade dos casos quanto a homeostase do relacionamento, isso é, como os casais eram acessados por conveniência, aqueles que tinham grande intensidade de problemas em seu relacionamento não foram possíveis de acessar. Isso poderia ser contornado com a participação de uma amostra clínica, por exemplo, porém, não era o foco deste estudo. Outra variável da homogeneidade da amostra foi a de que a grande maioria dos participantes possuía nível de ensino superior. Nesse caso, talvez casais

com sintomas instaurados no relacionamento e de diferentes níveis de escolaridade pudessem ampliar a perspectiva de como se expressa a relação da qualidade conjugal e do tipo de apego dos cônjuges.

Por fim, há uma dificuldade recorrente nas pesquisas qualitativas sobre apego em aferir o estilo de apego do indivíduo, visto a complexidade de acessar este construto. Essa pode ser uma das razões que explique a escassez de pesquisas na área. Frente a isso, se revela um desafio metodológico para investigações destinadas a conhecer a dinâmica conjugal, considerando o estilo de apego individual dos sujeitos envolvidos.

### Referências

- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and Prospect. *Am. J. Orthopsychiatry*, 52(4), 664-678.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101.
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the Dyadic Adjustment Scale for use with distressed and nondistressed couples: construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 298-308.
- Davila, J., & Karney, B. R. (2003). Depressive Symptoms and Marital Satisfaction: Within-Subject Associations and the Moderating Effects of Gender and Neuroticism. *Journal of Family Psychology*, 17(4), 557-570
- DeWall, C. N., Lambert, N. M., Slotter, E. B., Pond, R. S., Jr., Deckman, T., Finkel, E. J., Luchies, L. B., & Fincham, F. D. (2011). So Far Away From One's Partner, Yet So Close to Romantic Alternatives: Avoidant Attachment, Interest in Alternatives, and Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1302-1316.
- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In: Féres-Carneiro, T. (Org.), *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 83-107.

- Féres-Carneiro, T., & Diniz-Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 269-278.
- Gallagher, H. C., Lusher, D., Gibbs, L., Pattison, P., Forbes, D., Block, K., ... & Bryant, R. A. (2017). Dyadic effects of attachment on mental health: Couples in a postdisaster context. *Journal of Family Psychology*, 31(2), 192.
- Gere, J., MacDonald, G., Joel, S., Spielmann, S. S., & Impett, E. A. (2013). The independent contributions of social reward and threat perceptions to romantic commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(6), 961.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando famílias*, 18(2), 3-16.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hollist, C. S., Falceto, O. G., Ferreira, L. M., Miller, R. B., Springer, P.R., ..., Nunes, N. A. (2012). Portuguese translation and validation of the Revised Dyadic Adjustment Scale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(s1), 348-358.
- Hwang, K., Johnston, M., & Smith, J. K. (2007). Romantic attachment in individuals with physical disabilities. *Rehabilitation Psychology*, 52(2), 184.
- Khalifian, C. E., & Barry, R. A. (2016). Trust, Attachment, and Mindfulness Influence Intimacy and Disengagement During Newlyweds' Discussions of Relationship Transgressions. *Journal of Family Psychology*, 30(5), 592-601.
- Kouros, C. D., & Cummings, M. E. (2011). Transactional relations between marital functioning and depressive symptoms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 81(1), 128-138.
- Kruger, D. J. & Hughes, S. M. (2010). Variation in reproductive strategies influences post-coital experiences with partners. *Journal of Social, Evolutionary and Cultural Psychology*, 4(4), 254-264.
- Liu, L., & Waite, L. (2014). Bad marriage, broken heart? Age and gender differences in the link between marital quality and cardiovascular risks among older adults. *Journal of Health and Social Behavior*, 55(4), 403-423.
- Loubat, M., Ponce, P., & Salas, P. (2007). Estilo de Apego en Mujeres y su Relación con el Fenómeno del Maltrato Conyugal. *Terapia psicológica*, 25(2), 113-122.

- Mohr, J. J., Selterman, D., & Fassinger, R. E. (2013). Romantic attachment and relationship functioning in same-sex couples. *Journal of counseling psychology*, 60(1), 72.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35).
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale – Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484-494.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Nosko, A., Tieu, T. T., Lawford, H., & Pratt, M. W. (2011). How do I love thee? Let me count the ways: Parenting during adolescence, attachment styles, and romantic narratives in emerging adulthood. *Developmental Psychology*, 47(3), 645.
- Scheeren, P., Vieira, R. V. D. A., Goulart, V. R., & Wagner, A. (2014). Marital quality and attachment: The mediator role of conflict resolution styles. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24(58), 177-186.
- Scheeren, P., Delatorre, M. Z., Neumann, A. P., & Wagner, A. (2015). O papel preditor dos estilos de apego na resolução de conflito conjugal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(3), 835-852.
- Searle, B., & Meara, N. M. (1999). Affective dimensions of attachment styles: Exploring self-reported attachment style, gender, and emotional experience among college students. *Journal of Counseling Psychology*, 46(2), 147.
- Simons, L. G., Simons, R. L., Landor, A. M., Bryant, C. M., & Beach, S. R. (2014). Factors linking childhood experiences to adult romantic relationships among African Americans. *Journal of family psychology*, 28(3), 368.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple Case Study Analysis*. New York: The Guilford Press.
- Villeneuve, L., Trudel, G., Dargis, L., Préville, M., Boyer, R., & Bégin, J. (2014). Marital functioning and psychological distress among older couples over an 18-month period. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 40(3), 193-208.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187-204

Whisman, M. A., Dementyeva, A., Baucom, D. H., & Bulik, C. M. (2012). Marital functioning and binge eating disorder in married women. *The international Journal of Eating Disorders*, 45(3), 385-389.

## CAPÍTULO V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar as implicações do estilo de apego individual na qualidade conjugal. Na literatura é possível encontrar diversos estudos sobre o estilo de apego e a conjugalidade, porém, não foram encontrados estudos que se propusessem a relacionar esses dois construtos em específico. A partir das informações coletadas e analisadas nos três estudos foi possível constatar determinados aspectos que podem vir a contribuir para o avanço do conhecimento sobre a dinâmica conjugal

Os estudos podem ser entendidos de maneira sequencial: identificou-se o problema inicial: “quais as implicações do estilo de apego individual na qualidade conjugal?”. Para responder esse questionamento, o Artigo I revisou a relação entre estilo de apego e conjugalidade. Os resultados dessa pesquisa mostraram que o apego era estudado na perspectiva de três diferentes eixos do casamento: o individual, o contextual e o conjugal; todavia, não abordavam diretamente a relação que o estilo de apego do sujeito poderia ter para o nível de qualidade conjugal que ele vivenciava com o parceiro. Havia ainda outro impeditivo: o fato de não haver um conceito formalizado sobre que conteúdos englobavam o construto qualidade conjugal. Não era possível saber se os instrumentos utilizados de fato refletiam o que os casais brasileiros vivenciavam como um relacionamento de qualidade. A fim de elucidar essa questão, no Artigo II os resultados da análise temática de 25 entrevistas com casais heterossexuais do sul do Brasil, que coabitavam há no mínimo 6 meses revelaram cinco temas que definiam a qualidade conjugal para esses sujeitos: compromisso; intimidade; atração e sexo; carinho e afeto; e satisfação. Esses dados apontaram que há algumas diferenças entre os conteúdos avaliados por instrumentos multidimensionais que mensuravam a qualidade conjugal e o que os casais estudados nessa pesquisa reconhecem como tal. O fato da maioria dos instrumentos serem de origem norte-americana, evidencia-se que essas diferenças podem estar pautadas nas idiossincrasias culturais de cada contexto. Visto que este artigo foi capaz de responder algumas dúvidas sobre a definição do construto qualidade conjugal, foi possível realizar o terceiro e último estudo, contemplado no Artigo III, buscando enfim identificar as manifestações do estilo de apego na qualidade conjugal. Foi realizado um estudo de caso múltiplo com três casais-tipo conforme o estilo de apego: seguro, inseguro-evitativo e inseguro-ansioso. Os resultados revelaram

que casais com estilo de apego seguro tendem a possuir relacionamentos de maior qualidade, enquanto casais com estilo de apego inseguro-ansioso demonstraram os níveis mais baixos de qualidade conjugal.

Os resultados relatados nos artigos estão em consonância com o que é reportado em outros estudos sobre conjugalidade. O estilo de apego, como forma de vinculação do indivíduo, tende a ter inúmeras implicações ao longo da vida dos sujeitos, especialmente no que se refere aos seus relacionamentos. Pelo seu caráter inconsciente e relativamente estático e duradouro (Bolwby, 1969; 1982), o estilo de apego nem sempre era visto como uma variável sistêmica. Neste estudo, fica evidente, tanto no Artigo I quanto no Artigo III que os eixos individual, conjugal e contextual do relacionamento amoroso influenciam e são influenciados pelo estilo de apego do indivíduo, em uma interação recíproca e complexa. Essa perspectiva permite pensar que, sendo trabalhadas outras variáveis, pode ser que, apesar do estilo de apego individual, o nível de qualidade conjugal percebida pelos cônjuges possa vir a sofrer mudanças.

No que tange a definição de qualidade conjugal, percebe-se que o eixo contextual contribui substancialmente para a percepção dos cônjuges, uma vez que a cultura exerce um papel fundamental para o entendimento do relacionamento. Seu conceito pode, portanto, ser distinto dependendo da população que se propõe a pesquisar. Quando pensamos na interação entre estilo de apego e qualidade conjugal isso é especialmente importante, pois para uma cultura determinado comportamento pode ser considerado ansioso, enquanto noutra é sinal de segurança. A reverberação sistêmica produzida pelo contexto pode, por conseguinte, aumentar ou diminuir a percepção da qualidade conjugal dos cônjuges.

É importante ressaltar que tanto a qualidade conjugal quanto o estilo de apego são variáveis que se estabelecem na relação com o outro e, dessa forma, possuem, no mínimo, dois âmbitos individuais e um conjugal. Carter e McGoldrick (1995) afirmam que os cônjuges trazem, ainda, suas heranças familiares e transgeracionais que, também reverberarão na interação do casal. Dessa forma, o âmbito conjugal que se estabelece é único para cada relação, e a parcela individual de cada um contribui de forma sistemática para as mudanças e adaptações que ocorrem ao longo de todo o relacionamento. Pensar em como as variáveis individuais se manifestam na conjugalidade é também refletir sobre como os sujeitos se inserem na vivência a dois.

Esta pesquisa trouxe dados relevantes sobre as manifestações do estilo de apego na qualidade conjugal, bem como um maior entendimento desses construtos separadamente. Assim, uma das maiores considerações deste trabalho é que o nível de qualidade conjugal não é apenas o resultado da soma das variáveis que compõe o casamento, mas também depende da percepção dos sujeitos do que eles consideram um relacionamento de qualidade. Ainda, que o estilo de apego é uma variável individual sistêmica que exerce influência no relacionamento mesmo que o indivíduo não se dê conta sobre o vínculo que estabelece com o seu parceiro.

### Referências

- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and Prospect. *Am. J. Orthopsychiatry*, 52(4), 664-678.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, 2, 7-29.

**ANEXOS**

## ANEXO A

### PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UFRGS - INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Implicações do estilo de apego individual na qualidade conjugal

**Pesquisador:** Adriana Wagner

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 68747917.2.0000.5334

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia - UFRGS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.122.250

##### Apresentação do Projeto:

Cada vez mais pessoas querem ficar juntas. Todavia, algo atrapalha esse envolvimento, que leva à dissolução do casamento. O declínio na qualidade conjugal pode provocar o desgaste na relação e o rompimento, e até mesmo prejudicar a saúde física e psicológica dos cônjuges. A variável estilo de apego atravessa muitas pesquisas que exploram a conjugalidade, e percebe-se que há grande influência dos aspectos individuais na dinâmica conjugal. Dessa forma, esse projeto vem com o intuito de investigar as implicações do estilo de apego individual na qualidade conjugal.

Para tanto, serão realizadas entrevista e aplicação de instrumentos para mapear a qualidade conjugal e estilo de apego de 20 casais. Será realizada análise temática e estudo de caso múltiplo.

##### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as variáveis presentes na concepção dos sujeitos entrevistados a respeito da qualidade conjugal e as possíveis implicações do estilo de apego individual no relacionamento conjugal.

Objetivo Secundário:

- Avaliar o nível de qualidade conjugal dos sujeitos entrevistados.
- Mapear as concepções e atribuições dos casais a respeito daquilo que compreendem como qualidade conjugal.
- Identificar as variáveis que contribuem para a qualidade conjugal na vivência dos casais

**Endereço:** Rua Ramiro Barcelos, 2600

**Bairro:** Santa Cecília

**CEP:** 90.035-003

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3308-5698

**Fax:** (51)3308-5698

**E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 2.122.250

estudados.

- Aferir o apego individual de cada um dos membros do casal.
- Obter dados qualitativos e especificidades sobre os estilos de apego individuais em casais.
- Identificar e discutir as implicações do apego individual no relacionamento conjugal, a partir de diferentes arranjos conjugais enquanto as variáveis estilo de apego e qualidade conjugal.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Os riscos previstos para a participação na pesquisa são mínimos, porém, caso a pessoa participante sinta algum desconforto durante os procedimentos, será oferecido atendimento psicológico gratuito. O participante também poderá desistir de sua participação a qualquer momento.

Benefícios:

Não estão previstos benefícios diretos na participação desta pesquisa, no entanto, será uma oportunidade de refletir sobre a vivência conjugal, as próprias atitudes e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa sobre conjugalidade no Brasil.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta coerência teórico-metodológica.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi adequadamente redigido.

**Recomendações:**

Não há recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_914682.pdf	24/05/2017 11:13:56		Aceito
Outros	ata.jpg	24/05/2017 11:11:45	BRUNA D ANDREA DE ANDRADES	Aceito

**Endereço:** Rua Ramiro Barcelos, 2600

**Bairro:** Santa Cecília

**CEP:** 90.035-003

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3308-5698

**Fax:** (51)3308-5698

**E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 2.122.250

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_modificado.docx	24/05/2017 11:09:15	BRUNA D ANDREA DE ANDRADES	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	24/05/2017 00:03:14	BRUNA D ANDREA DE ANDRADES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Bruna.pdf	24/05/2017 00:01:34	BRUNA D ANDREA DE ANDRADES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	23/05/2017 23:43:34	BRUNA D ANDREA DE ANDRADES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PORTO ALEGRE, 16 de Junho de 2017

---

**Assinado por:**  
**Clarissa Marcell Trentini**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Ramiro Barcelos, 2600  
**Bairro:** Santa Cecília **CEP:** 90.035-003  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

**ANEXO B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

O Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está coletando informações para o projeto de pesquisa "Implicações do estilo de apego individual na qualidade conjugal". Nesta fase da pesquisa, buscamos compreender como as pessoas vivenciam a vida a dois e o que consideram importante para um relacionamento satisfatório, além de entender mais sobre os vínculos estabelecidos pelo casal. Nosso propósito é gerar conhecimento que contribua para a promoção de propostas que melhore os níveis de saúde conjugal e familiar.

Solicitamos a sua participação, respondendo a uma entrevista que aborda aspectos relacionados à sua experiência vivendo como casal. A entrevista tem duração média de 90 minutos e será gravada em áudio, sendo desgravada após ser transcrita. Todas as informações prestadas por você serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e serão tratadas de forma confidencial. Além disso, você poderá desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro para você.

A participação nesta pesquisa implica em riscos mínimos para você. Porém, caso você sinta algum desconforto em relação a alguma das perguntas realizadas na pesquisa, você pode optar por não responder a essa pergunta, ou por retirar-se do estudo. Caso você sinta eventuais desconfortos trazidos pela participação nesta pesquisa, caracterizando necessidade de atendimento psicológico, nós nos asseguraremos de encaminhá-lo a um serviço de atendimento gratuito. Da mesma maneira, não estão previstos benefícios diretos com a participação na pesquisa. Entretanto, a participação neste estudo pode ser uma oportunidade para que você reflita sobre suas atitudes e seu impacto no seu relacionamento.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi orientações sobre os procedimentos envolvidos e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento

posso solicitar novas informações e retirar meu consentimento, se assim o desejar. A pesquisadora Adriana Wagner e a mestranda Bruna D'andréa de Andrades certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa são confidenciais. Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, poderei entrar em contato com a pesquisadora Adriana Wagner ou com a mestranda Bruna D'andréa de Andrades, pelo telefone (51) 3308-5322, ou, ainda, com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 3308 5698 – Email: cep-psico@ufrgs.br). Estou ciente de que o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS aprovou esta pesquisa, e que o material resultante da minha participação na pesquisa será guardado de forma não identificável pela pesquisadora na rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 126, pelo período de cinco anos.

Declaro que recebi uma cópia do presente termo de consentimento.

_____	_____	__/__/__
Nome do participante	Assinatura do participante	Data
<u>Adriana Wagner</u>	_____	__/__/__
Nome do pesquisador	Assinatura do pesquisador	Data

**ANEXO C**  
**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

**Caracterização Sociodemográfica do Casal**

Idade

1. Homem: \_\_\_\_\_ anos

2. Mulher: \_\_\_\_\_ anos

3. Situação conjugal: ( ) Casados ( ) Morando juntos ( ) Namorando sem morar juntos

4. Há quanto tempo estão juntos? \_\_ anos e \_\_ meses

Você já foi casado(a) com outra pessoa anteriormente?

5. Homem: ( ) Sim ( ) Não ( ) Não, mas morou junto

6. Mulher: ( ) Sim ( ) Não ( ) Não, mas morou junto

7. Vocês têm filhos juntos? ( ) Sim ( ) Não

Algum de vocês têm filhos com outras pessoas?

8. Homem: ( ) Sim ( ) Não

9. Mulher: ( ) Sim ( ) Não

Qual é o seu nível de escolaridade?

10. Homem:

( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio

( ) Ensino Superior ( ) Pós-Graduação

11. Mulher:

( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio

( ) Ensino Superior ( ) Pós-Graduação

Você trabalha?

12. Homem: ( ) Não ( ) Sim - O que você faz? \_\_\_\_\_

13. Mulher: ( ) Não ( ) Sim - O que você faz? \_\_\_\_\_

Para fins de pesquisa, qual é a sua renda pessoal?

14. Homem: \_\_\_\_\_

15. Mulher: \_\_\_\_\_

16. Renda familiar: \_\_\_\_\_

Você se considera praticante de alguma religião?

17. Homem: ( ) Não ( ) Sim - Qual? \_\_\_\_\_

18. Mulher: ( ) Não ( ) Sim - Qual? \_\_\_\_\_

## ANEXO D

### ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO DO CASAL

*Estamos estudando casais que vivem juntos, pesquisando diversos aspectos da vida a dois. Sabemos cada casal tem uma maneira muito particular de vivenciar a vida a dois, e que o cotidiano conjugal passa por diversos momentos ao longo da vida. Assim, eu gostaria de saber sobre como vocês vivenciam a sua vida conjugal. Gostaria de destacar que não há respostas certas ou erradas, e que vocês podem tanto ter opiniões parecidas como ideias bastante diferentes sobre sua vida como casal. O importante é que vocês sejam sinceros sobre as suas experiências vivendo a dois.*

- 1) Como vocês se conheceram?
- 2) O que mais chamou a atenção um no outro?
- 3) Em que momentos do relacionamento vocês foram mais felizes?
- 4) Em que momentos do relacionamento vocês estiveram menos felizes?
- 5) E hoje, comparado a esses dois momentos, como vocês avaliam o relacionamento de vocês?
- 6) Como vocês demonstram afeto um pelo outro?
- 7) Como é quando vocês precisam estar longe um do outro?
- 8) Hoje, em uma escala de 0 a 10, em que 0 é “péssimo” e 10 é “maravilhoso”, qual é o nível de qualidade do relacionamento de vocês?
- 9) Pensando de maneira geral, o que vocês acham que define um relacionamento de boa qualidade?